

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

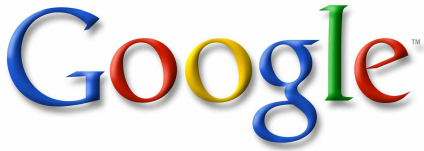
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

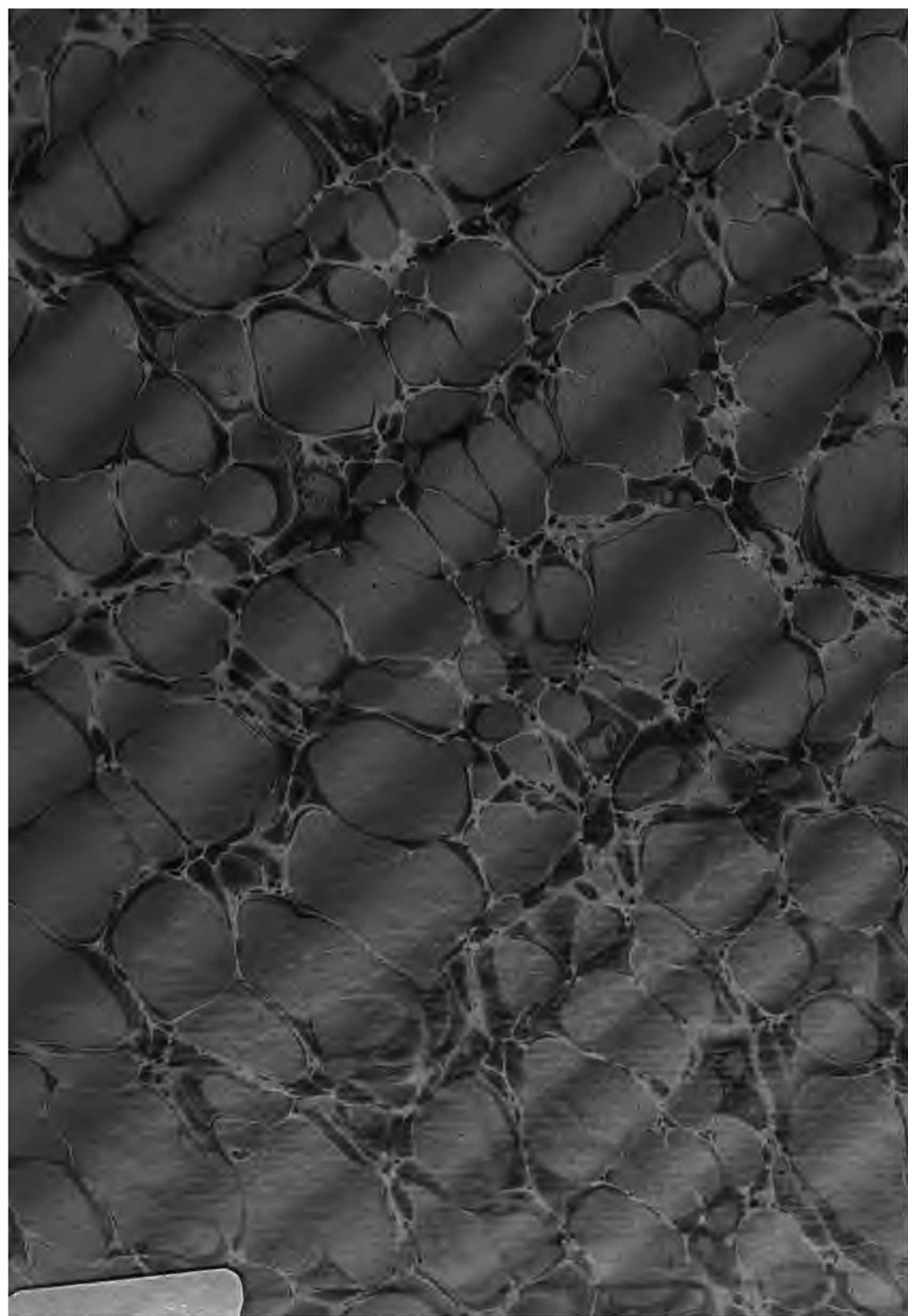
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.8
C1820
N85

A 468044





PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

Salvador de Sá e Albuquerque

10 de Junho de 1850

A PRIMEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

A PRIMEIRA EDIÇÃO
DOS
LUSIADAS

POR

TITO DE NORONHA

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS,
DO INSTITUTO CONIMBRICENSE, ETC.



LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON, EDITOR
PORTO E BRAGA
—
M DCCC LXXX

869.8
C1820
N85

I

Em 1572 publicou-se em Lisboa um poema, que estava destinado a ter mais tarde uma reputação universal, resumir uma litteratura, a representar uma nacionalidade.

Apesar dos seus defeitos, de todos os defeitos que acintosamente lhe tem descuberto, ⁽¹⁾ os *Lusíadas* são ain-

(1) Os mais notaveis detractores de Camões tem sido mr. de Voltaire e o nosso José Agostinho de Macedo.

Voltaire leu ao que parece mui profunctoriamente os *Lusíadas*, e do auctor mal sabia até a nacionalidade, segundo se vê do seu *Essai sur la Poésie Epique*, pag. 273 (ed. de Laufane, 1756) onde diz: «Camões nâquit en Espagne dans les dernieres années du regne célèbre de Ferdinand & Isabelle, tandis que Jean II régnoit en Portugal.» Ora o reinado de Fernando V e Isabel de Castella abranje os annos de 1479 a 1504; o de D. João II de 1481 a 1495, e Camões nasceu em

da uma das mais bellas, senão a mais bella, das epopeas modernas.

Todos, nacionaes e estrangeiros, continuam a reverenciar o inspirado cantor dos nossos factos epicos, o soldado audaz, que legou á posteridade esse famoso padrão litterario, esse repositório da lingua, esse copioso estendal das nossas passadas façanhas, onde a par do mais grandioso patriotismo realta a vasta erudição de um homem que foi grande no seu seculo, e que o continúa a ser tres seculos depois.

Camões é uma gloria nacional, e se foram audaciosas as emprezas que elle cantou, elle cantou-as com sublimidade condigna.

Pagou-lhe mal a patria, (2) mas a posteridade tem faldado fartamente a divida, fazendo justiça inteira ao talento peregrino d'esse grandioso vulto, creador «d'esse poema

Lisboa em 1524 e falleceu na mesma cidade em 1580. Voltaire escreveu sobre os *Lusiadas* com a mesma consciencia e exactidão com que escreveu sobre o auctor. De resto, despeito de quem como epico apenas conseguiu produzir a *Henriade*. A mr. de Voltaire respondeu, largamente, contestando-lhe as arguições, o padre Thomaz José de Aquino, de pag. xvi a xxx do discurso preliminar das *Obras de Luis de Camões*, Lisboa 1779 (vol. 1.)

O padre José Agostinho, com a sua *Censura dos Lusiadas* (Lisboa 1820, 2 vol.) se provou alguma coufa, mais provou o seu genio atrabiliario, sem que com isso fizesse sobrefahir o seu *Oriente*. Ao padre respondêra antecipadamente Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, com o seu *Exame analytico*, Lisboa 1815.

(2) Por alvará de 28 de julho de 1572 el-rei D. Sebastião concedeu a Luiz de Camões 15000 réis de tença, pelo Ierviço feito «nas partes da India por muitos annos» e aos que esperava ainda podesse fazer, e *tambem* pela «suficiencia que mostrou no livro que fez das coufas da India» Vej. a edição do sr. Visconde da Juromenha, vol. 1 pag. 169, Lisboa 1860.

Tomando por termo de comparação a moeda de 500 réis, man-

sublime, o mais grandioso, o mais grave, o mais novo de quantos a Europa moderna tem produzido». (3)

Por uma coincidência fatal, o cantor da patria morreu no anno em que ella era subjugada pelas hostes de Philippe II; (4) mas se o paiz deixava de ter existencia politica, se o seu cantor escondia a sua miseria numa sepultura mais que modesta, á posteridade legava um monumento que o tornou bem conhecido e á patria, os *Lusíadas*.



dada cunhar por el-rei D. Sebastião posteriormente á lei de 2 de janeiro de 1560, vê-se que a tença concedida a Camões representaria hoje 64\$700 réis, porquanto d'aquellas moedas entravam 60 em marco, valendo portanto o marco de ouro amoedado 30\$000 réis, e a tença correspondia exactamente a meio marco: hoje entram das moedas de ouro de 1\$000 réis 129 e quasi meia em marco, o qual amoedado vale 129\$400 réis, e metade 64\$700 réis, isto é, 177 réis por dia. Mereceu pois bem a pena servir a patria durante 16 annos, perder um olho, e escrever os *Lusíadas*, para ter por final recompensa 177 réis diarios!

(3) *Hist. des hommes, des événements et des découvertes*, Bruxelles 1841 pag. 180

(4) Luiz de Camões morreu a 10 de junho de 1580, e a 25 de agosto d'esse mesmo anno entrava em Lisboa o duque d'Alva, á testa do exercito invasor.



II

Os *Lusiadas* foram impressos em 1572, mas qual seja a primeira edição, ou se ha mais do que uma d'esse anno tem sido ponto affaz questionado.

Os primeiros editores e commentadores referem-se a uma edição unica, como por exemplo, Pedro de Mariz, na edição de 1613, que diz, fallando do poeta: «Depois d'isto (do regresso á patria) acabou de compor & limar estes seus Cantos q̄ da India trazia cõpostos: & no seu naufragio salvara com grande trabalho, como elle mesmo diz na octava acima referida. E logo no anno de setenta & dous os imprimio.»⁽⁵⁾

Nesta mesma edição, o commentador Manoel Correa

(5) *Lusiadas*, Lisboa 1613, 6.ª fol. innumerada.

não se refere a outra, que de certo não conheceu, apesar de ser amigo do poeta, como elle mesmo nos diz na advertencia «Fiz ha muytos annos estas annotações sobre os Cantos de Luis de Camões, a petição de um amigo, sem intento de os imprimir, porque se o pretendéra, com muyto mais razão o fizera em vida de Luis de Camoës, que mo pedio com muyta instancia. (6)

Manoel Severim de Faria, nos seus *Discursos varios*, (Lisboa 1624) tambem não se refere a mais de uma edição. «Depois que Luis de Camões imprimio os seus *Lusiadas* passou o restante da vida em Lisboa . . . E fallecendo elle sete annos depois da sua impressão (a qual foi no anno de 1572)». (7)

Manoel de Faria e Sousa, quando em 1639 publicou em Madrid os *Lusiadas comentados*, apesar de ter gasto nos commentarios 25 annos, conforme elle mesmo nos diz, (8) ainda não distinguia mais do que uma edição; só mais tarde, quando escreveu a segunda vida do poeta, e que sahio posthuma (9) juncto á edição das *Rimas* de Camões, Lisboa, 1685, é que distingue duas edições, e julgo ter elle sido o primeiro que o fez: diz-nos pois o prolixo commentador no paragrapho 27 da *vida* na citada obra: (10)

(6) Op. cit., verso da 3.ª fl. inn.

(7) Op. cit., fl. 128, 128 v. — Todos os biographos de Camões, até ao sr. Visconde de Juromenha, designam o anno de 1579 como o do fallecimento do poeta, o que não é exacto. Camões falleceu a 10 de junho de 1580, como se pôde ver do documento *K* publicado pelo sr. Visconde a pag. 172 do vol. I (Lisboa 1860) da sua edição das *Obras de Camões*.

(8) . . . pues vemos agora tantos libros meditados en una noche escritos en un mes, i divulgados al otro dia, con la felicidad que no hemos podido conseguir em este por discurso de 25 años.» Prologo da ed. de 1639, col. 5.

(9) Manoel de Faria e Sousa falleceu em Madrid em 1649.

(10) A vida do poeta, que está na edição das *Rimas* em seguida

«Aviando pues, llegado el P. a Lisboa el año de 1569. el de 1572. publicó por medio de la Estampa su Lusíada, aviendofele concedido Privilegio Real en 4. de setiembre de 1571. Dió con el un gran estallido en todos los oídos, y un resplandor grande a todos los ojos, más capaces en Europa. El gasto desta impresión fue de manera, que el mismo año se hizo otra. Cosa que aconteció rara vez en el mundo; y en Portugal ninguna más de esta. Y porque esto he examinado bien en las mismas dos ediciones que yo tengo; por diferencias de caracteres; de orthografía, de erratas que ay en la primera, y se ven emendadas en la segunda y de algunas palabras con que melhorò lo dicho.»

Depois de Faria e Sousa affentou-se que houve duas edições dos *Lusíadas* em 1572, julgando-se que motivára a reproducção o bom acolhimento que o livro teve, ou a necessidade de o limpar de erros que na primeira producção escaparam.

O morgado de Matheus segue a primeira opinião. «Os exemplares d'esta edição (cujo numero ignoramos) venderam-se tão promptamente, que no mesmo anno de 1572 foi este Poema reimpresso pelo mesmo impressor.» ⁽¹¹⁾

O abbade de Sever pensa por igual forma, por quanto, no vol. III da sua grandiosa *Biblioth. Lus.*, pag. 74, diz «*Os Lusíadas*. Poema Heroico... sahio impresso em Lisboa por Antonio Gonçalves 1572. 4. Foy esta obra recebida com tal aplauso do orbe literario que no mesmo anno se imprimio mais correcta».

Os cuidadosos editores da edição de Hamburgo atri-

ao prologo, não se encontra em todos os exemplares: no da Bibl. do Porto, por exemplo, não está.

(11) *Lusíadas*, ed. de Paris 1817, Advert., pag. 1, II.

buem á segunda causa a reproducção do livro no mesmo anno:

«Em 1572 sahio pela primeira vez á luz, impresso em Lisboa, na officina de Antonio Gonçaves, este divino poema; mas tão desfigurado, que nesse mesmo anno se julgou necessario fazer segunda edição: na qual se emendárão alguns erros de pouca monta, e se commetêrão outros de novo». (12)

D. José Maria de Sousa Botelho, admirador entusiasta do poeta, deu-se ao improbo trabalho de confróntar as duas edições, de contar os erros de cada uma, como largamente se póde ver da sua grandioza edição de Paris (1817).

O academico Trigofo igualmente reconhece a existência de duas edições com a data de 1872: «Com a mesma data de 1572 appareceo huma reimpressão dos *Lusiadas* muito semelhante á precedente, pois tem o mesmo *formato*, o mesmo numero de paginas, a mesma letra, o mesmo papel; emfim á primeira vista parece em tudo identica, e só depois de confrontadas huma com a outra, he que se podem perceber algumas differenças.» (13)

Trigofo, no fim do seu exame, publica a—«Tabua dos principaes erros da primeira edição de 1572, que foram emendados em a segunda do mesmo anno»—esta *primeira edição* é a adoptada pelo morgado de Matheus.

O recente biographo e deligente investigador das cousas que a Camões se referem, o sr. Visconde da Juro-

(12) *Obras de Luiz de Camões*, Hamburgo 1834 vol. 1, prol., pag ix.

(13) Sebastião Francisco de Mendo Trigofo, *Exame critico das cinco primeiras edições dos Lusiadas*, publ. na *Hist. e mem. da Academia*, vol. VIII p. 1 pag. 169 (Lisboa 1823).

menha, na sua amplissima edição das obras do poeta, diz, no vol. I (1860) pag. 446, tractando das edições de 1572:

«Sobre estas duas edições tem-se suscitado uma questão, isto é, se a segunda foi realmente uma nova edição que saiu no mesmo anno, ou contrafacção da primeira. Eu estou persuadido que foi uma contrafacção d'esta, porém ordenada pelo mesmo auctor ou editor, retratada quanto foi possível da edição *Princeps*, com os mesmos typos para se não distinguirem d'aquella, que saiu no anno de 1572; podia tambem sair em epocha differente á da data marcada no frontispicio. O que deu logar a esta subtileza foi por ventura a necessidade de evitar as delongas das licenças e censuras, ou alguma caballa que se levantasse contra a integral reimpressão do *Poema* sem as amputações que soffreu na edição seguinte (1584).»

Em seguida á publicação da obra do sr. Visconde, e no mesmo anno, dava-se á estampa o vol. v do aprecia-vel *Diccionario Bibliographico* e ahi, no artigo relativo a Camões, diz o meu fallecido mestre e grande bibliographo (pag. 251):

«Tem sido opinião vulgar entre os bibliographos, que não existem mais que duas edições diversas com a indicação da data de 1572, e que os exemplares que apparecem são necessariamente de uma d'ellas. Porém *ha toda a razão para crer que isto não passa de uma supposição erronea*; e para elucidação do ponto transcreverei aqui parte de uma nota que ha pouco tempo me foi enviada do Rio de Janeiro, da penna do sr. conselheiro Castilho; na qual o mesmo senhor, alludindo á *Memoria* que escreveu em 1848 (citada pelo sr. Visconde (da Juromenha) a pag. 406 do seu livro) se exprime nos termos seguintes: «Sendo bibliothecario-mor, desejei confrontar as chamadas duas edições de 1572, e reuni ante mim por favor de varias pes-

«foas de Lisboa fepte exemplares de 1572. Passando a verificar as confrontações, segundo os preceitos dados pelos «que designaram em que consistiam essas diferenças, tive «ocasião de reconhecer positivamente, que com a data de «72 houve talvez quatro, e pelo menos tres edições. Creio «ter provado na minha *Memoria* serem contrafações umas «das outras, e publicadas no intervallo que medeiu até «1584, que é a segunda data conhecida de edição diversa. «Era o meio de evitar os gastos, os estorvos, e perigos das «varias cénfuras, etc.»

Apefar porém das palavras transcriptas, o nosso fallecido amigo parece distinguir apenas duas edições com data de 1572, mencionando-as sob os numeros 1 e 2, acrescentando mesmo (pag. 250) «Quanto a mim, parece-me que para fazer a devida distincção entre elles (exemplares) bastará indicar a confrontação dos dous ultimos versos da oitava primeira do canto 1, que na edição *princeps* são escriptos como se segue :

«Entre gente remota edificaram
«Nouo Reino, que tanto sublimaram.»

«E na chamada *segunda* lêem-se pela forma seguinte:

«E entre gente remota edificarão
«Nouo Reino, que tanto sublimarão.»

Mais adiante, pag. 251, acrescenta :

«Seja porém o que fôr, *da edição ou edições* que vulgarmente se reputam uma só, e a que chamam segunda...»

Perfuado-me que o auctor do *Dic. Bibliogr.* escreveu, d'esta vez, um pouco influenciado pelas palavras do antigo e notavel bibliothecario-mor, o qual, de passagem o

diremos, no seu larguíssimo e curioso *Relatorio* cita apenas uma edição de 1572. ⁽¹⁴⁾

Em contraposição ao parecer do sr. Castilho, que eleva as edições datadas de 1572 a quatro, a tres pelo menos, encontrâmos outra opinião, tambem não menos singular.

O sr. Silva Tullio, no seu erudito artigo *Fac-simile do rosto da primeira edição dos Lusíadas—1572*, sendo de opinião que nesse anno houve só uma edição, e que d'uma edição apenas, alterada durante a impressão, são os exemplares de 1572, termina as suas reflexões da seguinte forma:

«O que até aqui temos adduzido e ponderado, parece-nos bastante para fundamentar a opinião—de que Luiz de Camões não revira as provas da impressão do seu poema feito em 1572, e de que não houve mais que uma impressão n'esse anno.» ⁽¹⁵⁾

Apesar de reconhecermos a provada competencia do illustre investigador, não podêmos deixar de discordar d'elle neste ponto, pelas razões adiante expostas, fazendo todavia inteira justiça ao reconhecido merecimento do seu trabalho, que é um dos mais notaveis que sobre o assumpto se tem feito.

Numa publicação recente, o *Manual bibliographico portuguez*, Porto, 1878, renova-se a affirmativa da existencia das duas edições dos *Lusíadas* de 1572. «Ha segunda edição com a mesma data, e feita no mesmo anno, re-

⁽¹⁴⁾ *Relatorio acerca da Bibliotheca nacional de Lisboa* por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, vol. xv, pag. 11 (Lisboa 1845)

⁽¹⁵⁾ *Archivo pittoresco* vol. xv pag. 192. O artigo não está assignado, mas é da penna do illustre academico, Antonio da Silva Tullio. Vej. *Dicc. Bibliogr.* vol. viii pag. 308.

vista pelo auctor» (16) Em quanto á revisão da 2.^a edição, respondêra já em 1861 o sr. Silva Tullio no *Archivo pittoresco* vol. iv pag. 192. «E ainda mais, como houve quem julgasse que o poeta tinha revisto provas da chamada segunda edição, que tem quasi os mesmos erros da vida pela primeira?»

O que temos, porém, como certo, é que, com a data de 1572, existem duas edições dos *Lusiadas*, mas só duas, e perfeitamente distintas entre si.

(16) Ricardo Pinto de Mattos, op. cit., pag. 89. No artigo referente a Camões ainda o sr. Mattos diz que o poeta nascêra em 1525 e fallecêra em 1579, quando desde 1860 estava averiguado que Camões nascêra em 1524 e morrêra em 1580. Veja-se ed. Juromenha, vol. I. (Lisboa 1860) pag. 9 e 29: *Dicc. Bibliogr.* vol. v. (Lisboa 1860) pag. 239.

III

As edições dos *Lusiadas*, com data de 1572, comquanto sejam de formato igual, com rostos ambos metidos em portadas de madeira, aparentemente idênticas, ambas tenham o mesmo numero de folhas, ambas sejam impressas em *grifo*, e ambas mal impressas, ⁽¹⁷⁾ não deixam de ser diferentes.

E dizemos *ambas* porque com data de 1572 não conhecemos mais do que duas edições bem caracterizadas.

As diferenças que porventura se possam encontrar em exemplares semelhantes provêm de se terem baralhado qua-

⁽¹⁷⁾ Na data da publicação da primeira edição dos *Lusiadas* havia em Lisboa apenas 4 impressores, João de Barreira, Francisco Correa, Marcos Borges e Antonio Gonsalves, impressor do poema: o mais nitido d'elles todos era o Corrêa; as edições dos dois ultimos, e que temos visto, são notavelmente imperfeitas.

dernos, ou mesmo folhas, dos dois exemplares, ou mesmo de se haver entrefachado em exemplares incompletos quaesquer folhas de edições posteriores e parecidas. Por esta forma, duas edições podem parecer tres ou quatro, e mais até, por não conferirem exactissimamente em todas as suas folhas, comquanto apparentem um todo commum.

Com as edições gothicas das *Ordenações* dá-se o mesmo caso: temos visto exemplares com livros de edições diversas, mas formando um todo completo: mesmo a substituição das folhas de umas edições por outras não alterava o todo fendo as impressões imitativas, mas tornava os exemplares especiaes e diversos dos das suas datas caracteristicas, o que só se conhece descendo-se a analyse minuciosa.

Com os exemplares dos *Lusíadas*, datados de 1572, deveria dar-se fatalmente a mesma cousa; com o correr dos tempos foram rareando os exemplares; alguns encontraramos falhos, e foram-nos completando com restos de exemplares parecidos; umas vezes, por ignorancia, outras de má fé mesmo, para apresentar no mercado um exemplar completo, que de obra rara tem sempre mais valor de que outro com folha ou folhas de menos. Os que lidam com livros de sobejo conhecem a especie.

Depois, é naturalissimo que a procura dos exemplares das primeiras edições dos *Lusíadas* só viesse muito depois da publicação, justamente quando os exemplares se tinham uns defencaminhado, outros mutilado: haja vista aos exemplares conhecidos, que alem de serem poucos, são pouquissimos os perfeitos e completos.

Como se sabe, as edições ditas de 1572 são in-4.º, de 2 folhas innumeradas, 186 numeradas no recto, caracteres italicos. O rosto mettido em portada de madeira, composta de plintho, duas columnas canelladas na metade inferior, com capacetes ao meio, e superiormente um entablamen-

to com dois golfinhos e no centro um pelicano: defenho mediocre e gravura idem.

Estas são as indicações geraes das duas edições, que se parecem mas não são iguaes, e muito menos uma só modificada durante a impressão.

O morgado de Matheus, na sua grandiosa edição de Paris, 1817, no supplemento á nota primeira (pag. 415) differença as duas edições logo pelo rosto, e chamando a uma *primeira*, e a outra *segunda*, diz: «Na *primeira* a *Tarja* he hum tanto mais *larga*, e menos alta que a *segunda*: o Pelicano que tem em cima vê-se na *primeira* com o collo voltado á nossa direita, em quanto que na *segunda* he voltado á esquerda: os filetes das columnas descem na *primeira* da direita para a esquerda, e *vice-versa* na *segunda*: os typos deste frontispicio são naquella maiores do que nesta.»

E estão perfeitamente caracterifadas as duas edições pelo rosto; conhece-se que são distinctas; mas não é só por isso; pela analyse typographica dos exemplares chega-se á convicção que são edições distinctissimas.

Seguindo a ordem numeral do morgado de Matheus vê-se que na *primeira* o alvará de privilegio contém trinta e quatro linhas e a data está escripta por extenso—*vinte e quatro dias do mez de setembro*—⁽¹⁸⁾ e na outra trinta e tres linhas e a data em caracteres romanos—*xxiiii de*

(18) O sr. Visconde de Juromenha, reproduzindo o alvará de privilegio, a pag. 168, vol. I, da sua edição, designa a data de *xxiii dias*, o que é manifestamente equivoco. Diz tambem que o alvará é o da *primeira* edição, mas não conserva a orthographia do original, e a data escreve-a em numeração romana *xxiii* (aliás *xxiiii*) quando na edição original está por extenso *vinte e quatro*, como depois diz no vol. VI pag. 181.

setembro — as linhas deixam de ser idênticas na partição desde a vigésima segunda em diante.

A paginação é igual, mas não é igual o olho do typo; numa, nos *ft* ligados o *f* não excede o olho da letra; na outra, o *f* tem a forma do *f* sem travessão; numa os *CC* verfaes descem abaixo do olho da letra, contornando interiormente a letra que se lhe segue; na outra os *CC* terminam na linha inferior do olho da letra; além d'isso, os reclames não estão justamente em pontos iguaes nas duas edições, bem como ambas são differentemente espacejadas em mais de em um ponto.

A orthographia, comquanto pouco uniforme em ambas, é também diversa entre as duas edições; na *primeira*, as terminações dos verbos acabam em *am*, na outra em *ão*.

Além d'isso, ha differenças que bem caracterizam as duas edições, como por exemplo o segundo verso da estância 56 do canto ix, que na *primeira* se lê:

«Filho de *Maria* á terra, porque tenho»

e na *segunda*

«Filho de *Maya* etc.

Nas duas edições existe igualmente differenças de palavras, que as fazem distinguir, e erros que não são comuns a ambas. A lista d'estas differenças seria longa. Quem mais por miudo quizer certificar-se do caso, póde consultar a edição do morgado de Matheus e o *Exame* de Trigofo, que ambos larga e copiosamente tractam do assumpto, e mais amplamente, as *differenças orthographicas*, na edição Juromenha, vol. vi (Lisboa 1870), pag. 483 a 519.

O que é certo, é que da mesma forma não podiam

ter sahido as duas edições, que são deffimilhantes, não só fob o ponto de vista litterario, mas typographico.

Temos pois que ha duas edições, datadas ambas de 1572, e que uma é a reproducção da outra, mais ou menos fiel, mas reproducção que se pretende confundir com o original. Que ambas sejam impressas no mesmo anno, e pelo mesmo impressor ha razões de sobejo para não ter como certo. O impressor era pouco deligente; ⁽¹⁹⁾ no mesmo anno de 72 publicava ainda outra obra, a *Primeira parte do compêdio da chronica do Carmo*, folio, de 242 pag., e não é de presumir que se affoittasse á reproducção de um livro que parece não foi grandemente considerado; pelo menos, o silencio dos contemporaneos, e a tença de trinta e sete cruzados e meio dada ao auctor, não auctorizam a crer que a obra fosse muito graciosamente recebida pela côrte, e tambem pelo público, no qual naturalmente se reflectiria a preferencia, se a houvesse, do joven monarcha, que por então mais prafer lhe causava a notícia da matança de S. Barthèlemi, festejada com luminarias, ou

(19) O periodo de actividade de Antonio Gonfaves abrange apenas 8 annos, de 1568 a 1576, e d'elle conhecemos as seguintes impressões:

1568 — 2 livros.
 1569 — 1 livro e 2 folhetos.
 1570 — 1 livro.
 1571 — 2 livros.
 1572 — 2 livros.
 1573 — 2 livros.
 1574 — 2 livros.
 1575 — 1 livro e 1 folheto.
 1576 — 1 livro.

} total, 14 livros
 e 3 folhetos.

a crepitação dos cadáveres num auto da fé, ⁽²⁰⁾ do que a leitura de um poema que se entretinha com fabulas mythologicas.

Alem d'isso, havia dois annos apenas que tinha terminado a peste grande, que, no dizer de um contemporaneo, se acafo não exagera, victimára mais de 50.000 pessoas ⁽²¹⁾ e não seria portanto muito azada a occasião para largos apprehendimentos litterarios.

A producção do livro foi neste anno muito restricta; apenas sete edições sahiram dos prelos dos quatro impressores existentes, e obra litteraria só o poema. Pois justamente quando os sobreviventes de um grande flagello acabavam de despir o luto, poderiam prestar attenção, e con-

⁽²⁰⁾ «Chegou esta noticia (a da carnificina succedida em Paris a 24 de agoſto de 1572) a Lisboa a 6 de setembro... Recebeo-a El Rey com grande alvoroço e summo goſto de toda a Corte; festejou-se com luminarias, e repiques de sinos de toda a Cidade e outras demonſtraçoens de alegria; e na segunda feira logo seguinte... se fez huma solemne Prociſião de Graças a Deos.»—Bayão—*Portugal cuidadoſo e laſtimado*, pag. 271.

«...foy El Rey para Evora, aonde entrou no ultimo dia de outubro de 1572, esteve naquella Cidade até dous de Janeyro do anno seguinte, e no meyo tempo vio um Auto da Fé, de que fazem especial lembrança as memorias coetaneas; porque queimarão defoito reos naquelles principios da Inquiſição; caſo novo; e entre os mortos foraõ quatro Chriſtãos novos.»—Fr. Manoel dos Santos—*Hiſtoria Sebaſtica*, pag. 278.

⁽²¹⁾ «Ovi ao pregador de dentro (em S. Domingos) que foi fr. João da Silva, que nas mais das covas se botavam quarenta, cincoenta defuntos, e que passaram de cincoenta mil almas os fallecidos do mal». Excerpto de uma memoria coeva—J. Ribeiro Guimarães, *Sumario de varia historia*, vol. II pag. 167.

fumir uma edição de versos, embora tractassem de *feitos nunca feitos?*

Depois, o poema, affastava-se, na fôrma e na linguagem, do periodo em que era publicado: o auctor introduzia palavras novas, que os Caminhas, os Bernardes, e outros, contemporaneos, e hoje pouco menos que esquecidos, mais bafejados pela fortuna mas de inferior concepção, de mau grado acceitavam; revoltavam-se contra a nacionalisação dos termos novos, contra os neologismos que mal perfumiam viriam opulentar a lingua, e adoradores de Ferreira e Sá de Miranda, sublevaram-se contra o revolucionario que abria novos horizontes á lingua patria.

Esta guerra litteraria havia de naturalmente influenciar sobre a acceitação dos *Lusiadas*, tornal-os obra pouco acceitavel, e menos digna de leitura. Nestas circumstancias, alem das ponderadas, não se podia ter feito, nem fez, mais do que uma edição em 1572.

Faria e Souza, no *Jrízio del poema* (col. 69-70) apresenta uma lista de 120 palavras introduzidas novamente pelo poeta nos *Lusiadas*, antecedendo a relação do seguinte. «De confundir con otros terminos la oracion, i la sententia, o concepto, huyò nuestro P. tan cuidadoso, que no se alle en el cofa desse genero... Todas las palabras que usò en todo este poema, que *entonces* se podiam llamar peregrinas, son estas...»

As palavras novamente introduzidas são em geral adjectivos latinos acomodados á indole da lingua, hoje correntes, e que não se pôde dizer eram estranhas em tempo de Faria e Souza, isto é, 67 annos depois da publicação dos *Luziadas*. Haja vista ao *entonces* do commentador.

Em quanto ás rivalidades de Diogo Bernardes e Pero d'Andrade Caminha ha fobejas provas que as justifiquem.

Bernardes, nos versos da carta III, «A dom João de Castello Branco estando fronteiro em Ceyta» fol. 78 7. (Lisboa 1596) onde diz:

«—Trate quem mais quizer feytos alhéos,
Diga mal, diga bem, fale á vontade,
Vse *palauras nouas*, nouos méos.

Não cure de razão, nem de verdade
Em tudo contentando á vulgar gente
Enchendo peitos vãos de vaydade».

refere-se incontestavelmente a Camões.

Na carta VII, a Pero de Lemos (fol. 85 e seguintes) referindo-se a differentes litteratos que tiveram trato com as musas

«Se pretendes louuar os claros lumes
Da Musa Portugueza, doce, & branda,
Que d'Amor tem escrito altos volumes;»

omite o nome de Camões, individualizando porém a Sá de Miranda, a um Sá de Menezes, ao «nosso Ferreira» (Antonio Ferreira), os dous Andradres (Francisco, e Diogo de Paiva), Castilho (Antonio de), Jorge (?) da Silva, um Silveira e o Portugal (D. Manoel).

Pedro d'Andrade Caminha, no seu epigramma CXLV *contra um poeta* (*Poesias*, Lisboa 1791, pag. 352) allude incontestavelmente a Camões e ao primeiro verso da oitava v do canto I dos *Luziadas*.

«Dai-me uma *furia* grande e sonora»

quando escreve:

«Dizes que o bom poeta hade ter *furia*,
Se não hade ter mais és bom poeta;
Mas se o poeta hade ter mais do que *furia*
Tu não tens mais do que *furia* de poeta.»

Furioso deveria estar Caminha quando escreveu isto!
Antecedem a este epigramma outros, desde o CXL,
que começa:

«Cançado, mau poeta, me deixaste
Dos versos que te ouvi, fecos e duros»

e continuam os epigrammas *ao mesmo* até o CXLVIII.

IV

Qual foi porém das duas edições dos *Lusiadas*, datadas de 1572, a primeira e qual a melhor? Faria e Souza nos seus vastos commentarios ⁽²²⁾, tractando da estancia XXI do canto IX, diz que na edição original de que se servira «en la primera impressiõ deste Poema, a la qual yo llamo *original*» encontrára differentes erros, os quaes emendou, e são, entre outros, os seguintes, conforme a nota que elle dá:

(22) A edição dos *Lusiadas*, commentados por Manoel de Faria, publicada em Madrid em 1639, em fol., 4 vol., comprehende, alem do—Prologo—Elogio—Vida del poeta—Ivisiõ del Poema—Addiciones—Lecciones varias—Tabla de los autores—Tabla de las mas das cosas que se tocan en el Poema—2238 columnas; o poema tem 1102 oitavas, o que dá portanto duas columnas por oitava.

*

<i>erros</i>		<i>emendas</i>
Canto II oit. 56	Maria	Maia
» VIII » 32	Capitam	Cipiam

Ora a edição em que se encontram estes erros é a dita *primeira*, isto é, a que tem o pelicano com o colo voltado á direita do leitor: dá-se porém a singularidade de estas emendas de Faria e Soufa coincidirem exactamente com a lição da outra edição, e que parece o commentador não vio, por quanto a ella se não refere, como depois fez na segunda *vida* publicada com as *Rimas*.

Accidentalmente feja-nos licito um parenthesis. Faria e Souza, nos *Comentarios aos Luziadas*, na vida do poeta diz: «Sirviendo en Africa, como no tenia nada de cobarde... exponia-se a los peligros; i sacó por testimonio desto el sacarfele el ojo *derecho* con una centella, o ascua refurtida de un cañon encendido, i disparado de los Moros en el Estrecho de Gibraltar» Nas *Advertencias*, referindo-se á *authenticidade das estampas* que ornam a obra, diznos, em o § XI «De las *estampas* que van aqui se holgaran, sin duda, los curiosos de entender el credito que tienen, i de donde salieron. El retrato del P. (Poeta) se sacò bien parecido a otro que era original, mandado hazer por su amigo el Lic. Manoel Correa, al tiempo que se trataba en Lisboa, que es de creer seria despues que vino de la India» Mas apezar da *authenticidade*, e da *declaração* formal de que o poeta era cego do olho direito, no retrato em busto apresenta Camões cego do olho esquerdo.

O retrato apresentado na edição de Faria e Souza (1639) é uma má cópia, invertida, do que vem nos *Discursos varios* (1624) de Severim de Faria, á excepção do *meio corpo*, que foi reduzido a *busto*. De Severim de Faria se tem, ao que parece, copiado os ultteriores retratos. Na edi-

ção de Ignacio Garcez Ferreira, Napoles 1731, tambem cegaram Camões do ôlho esquerdo.

Na esplendida, ⁽²³⁾ mas só esplendida, edição dos *Luziadas* de Paris 1817, no fim da *Advertencia*, ha uma estampa, dita a gruta de Macau, onde se vê o poeta, de corpo inteiro, em acto de inspirar-se; ahi tambem Camões está cego do ôlho esquerdo, isto apezar do cuidado com que se fez a edição, tendo até sido encarregado mr. Gerard «famoso pintor» de dirigir os desenhadores e gravadores das estampas, como nos diz o entusiasta editor a pag. XLVII da sua *Advertencia*.

(23) Esta rica edição, cuja tiragem foi de 210 exemplares, custou ao benemerito editor a quantia de 51.152 francos 4 centesimos, ou 243, fr. 58 cent. cada exemplar, que ao cambio de 5,5 fr. por 1\$000 reis, representa 44\$287 réis, e em moeda actual 55\$964 réis. A impressão durou 17 mezes. Vej. a desenvolvida «Conta da despeza que fez com a edição de Camões D. José Maria de Souza» na ed. Juromenha vol. 1 pag. 378. O magnanimo editor não consentiu que se vendesse exemplar algum d'esta edição, distribuindo em sua vida por diferentes pessoas e bibliothecas 180 exemplares, sendo:

Para o Brazil.....	11
» Portugal.....	66
» França.....	22
» Inglaterra.....	28
» Italia.....	13
» Hespanha.....	5
» Norte.....	30
» a America.....	2
» a Azia.....	2
» mr. Millié, traductor dos <i>Luziadas</i>	1

180

Ibi. pag. 379-381. Ahi se encontram individualisadas as pessoas e bibliothecas ou livrarias que foram presenteadas.

Continuemos porém.

Além das emendas citadas, Faria e Souza tomou a liberdade de emendar mais, dando ou deixando de dar a causal da supposta correccão; e, diga-se de passagem, com a mira de mais realçar o poema, que tantíssimas canceiras lhe custou para commentar, como elle nos diz, no paragra-pho x da sua *Advertencia*:—«Los que no se agradaren destes Comentaríos, juzgandolos por menores de lo que merece el P. antes deven lastimarse, que lastimarme: considerádo, que esta maquina me llevò lo màs, i mejor de los mejores 25. años de mi vida; i que para ponerle en este estado despendi màs de 400 escudos en libros, i diligencias que no avia menester para otra cosa, i en ayuda de costa para animar al librero que le haze imprimir, i en los adornos de las estampas que lleva: *que todo para mi pobreza es un tesoro.*»

O celebre verso 6.º da estancia XXI do canto IX escreveu-o Faria e Souza:

«da mãy primeyra co'o terreno seyo;»

contra a opinião de Manoel Correa, que a Faria mereceu esta censura nos commentarios a esta oitava (vol. iv fol. 3o) «Lo primero, pues, que embaraça el entendimiento, es (dizen) esta palabra *mãy*: i por isso la quitan:... Vno fuè el licenciado Manoel Correa, que curando a nuestro P. de mal de madre, se la quita, por quitarle de trabajos, en su llamado comento; i nos quiere tapar la boca con meternos en cabeça, que assi lo oyò al proprio Poeta; *desculpando con aver oido mal no aver visto bien*» e na col. seguinte, concordando plenamente com a emenda, acrescenta: «Yo no sè quien lo hizo, però sè que esta bien hecho» opinião que teem seguido outros.

Como se vê, Faria e Souza não seguiu abertamente a edição de que se feruiu.

João Franco Barreto seguiu pouco mais ou menos a chamada *segunda* edição, com alterações pouco sensíveis, emendando porém o celebrado sexto verso da oitava 21 do canto IX da seguinte forma:

«Cõ a primeira do terreno sey»

O que não corresponde, nem á correcção adoptada por Faria e Souza, nem á lição de ambas as edições ditas de 1572, não dando aliás explicação nem justificando a emenda. ⁽²⁴⁾

Barreto só nos diz, tractando da edição:

«João Franco Barreto ao Leitor—Sabendo eu q̃. os Lusíadas do nosso Poeta, & mayor dos de Espanha (segundo bons juizos) na poesia heroica, estava para se dar à impressãõ, segunda vez ⁽²⁵⁾ nesta letra pequena, que com razãõ se deue chamar sua, pois só para elle se mandou vir de fóra a este Reino: mouido da curiosidade & affeição que sempre a seus versos tiue, tomei por empresa (vendo os vicios com que taõ corrupto andava, que ainda homẽs praticos tinhaõ, & sustentavaõ por de seu Autor, bem contra o que a seu credito, & nome se deuia) assistir à emenda cõ mayor cuidado do que minhas occupaçoẽs o permittiaõ: pelo que me parece que sairá mais apurado, do que ategora: & porque nam fosse sem louvor, de quem he taõ seu

⁽²⁴⁾ Segue-se esta variante noutras edições posteriores, conformes no texto á de Franco Barreto e que trazem o seu nome, bem como na de Paris 1759, *à custa* de Pedro Gendron.

⁽²⁵⁾ Refere-se á edição de 1626, Lisboa, por Pedro Craesbeek.

apaixonado, lhe fiz por no principio esta empresa, ⁽²⁶⁾ tirada do discurso da sua vida, que foy como elle mesmo diz: Nũa mão sempre a espada, & noutra a pena: Aceita minha vontade, & goza do melhor Poeta de nossos tempos, de maneira, que se nelle se vio outro Homero, em ti se veja outro Alexandre. Vale.» ⁽²⁷⁾

Á excepção da emenda capital do questionado verso da estancia IX, Franco Barreto segue a denominada *segunda* edição, conservando a particula conjunctiva *E* no principio do 7.º verso da 1.ª oitava do canto I ⁽²⁸⁾

«*E* entre gente remota edificarão»

bem como as palavras que caracterizam a edição de 1572 tida por mais correctá, por exemplo, no canto III oitava XXXIV *batalha* cruel, em logar de *trabalho* cruel; no canto VII, Do *rico* Tejo em vez de *rio* Tejo, etc.

O padre Garcez ⁽²⁹⁾ segue em geral a Faria e Souza; «Para a eleição das licções me regulei pela Edição de Manoel de Faria e Souza, por me parecer, que este Autor

⁽²⁶⁾ Refere-se á gravura, posta no rosto da edição, e consta de uma espada e uma pena cruzadas, com o mote *Simvl in vnvm*.

⁽²⁷⁾ Edição de Lisboa 1631, in-12.º (quadernos de 24 pag.)—4—140 folh. O titulo exacto do rosto é: «Os Lvfiadas de Lvys de Camões—Cõ todas as licções necessarias—Em Lisboa Por Pedro Crasbeeck Impressor del Rey. An. 1631.» Nesta edição não se encontram os *Argumentos* que se veem em outras posteriores, e se attribuem a Franco Barreto, sem fundamento, segundo notou o sr. Visconde de Juro-menha.

⁽²⁸⁾ O que aliás se não seguiu em edições posteriores das que trazem o seu nome.

⁽²⁹⁾ *Luziada*—poema epico de Luiz de Camões... Illustrado com varias, e Breves notas:.. por Ignacio Garcez Ferreira, Napoles 1731—Roma, 1732—vol. I. p. 5.

foi nesta parte o mais deligente de quantos publicarão a Luziada; mas não em tal modo, que naquellas licções, em que duvidei, deixasse de confrontallas com as da Edição de Pedro de Mariz, ⁽³⁰⁾ e se nesta achei cousa diversa, segui a que me pareceo mais adquada».

No 6.º verso da oitava XXI do canto IX segue a Faria e Souza, contra a opinião de Manoel Correa.

«Da Mãe primeira co terreno seio

Garcez não foi grande louvaminheiro do poeta; no seu extenso *Apparato*, que abrange 131 paginas (de folio peq.) embica até com o titulo do poema, como se vê nos cap. I., e XVII «Do Titulo do poema Epico: e do que elegeo Camões para o seu Poema; e impropriedade d'elle.» —No dizer de um biographo moderno, Garcez foi entre nós o precursor do padre José Agostinho «O commentador mostra alguma severidade na critica, apresenta tudo erudição; o padre José Agostinho de Macedo se serviu muito do trabalho de Garcez para a censura dos *Luziadas*». ⁽³¹⁾

A edição de Garcez não reproduz, portanto, nenhuma das ditas *primeiras*.

O padre Thomaz José d'Aquino segue igualmente a Faria e Souza, conforme o declara no *Discurso preliminar* pag. x tomo I (Lisboa 1779) «Por todas estas razões preferimos os exemplares da Edição de Manoel de Faria

⁽³⁰⁾ É a edição de 1613, commentada por Manoel Correa, e onde Pedro de Mariz escreveu uma breve noticia, que occupa apenas 5 paginas e meia.

⁽³¹⁾ Ed. Juromenha, vol. I pag. 356.

e Souza, não só como mais certos, senão também como mais bem ordenados, e por elle regulamos esta noſſa».

Nas *Lições varias*, a proposito do 6.º verso da oitava XXI canto IX, diz: «Na primeira Edição, que foi em 1572, se lê *Da primeira co'o terreno seio.*»⁽³²⁾ Na segunda, feita no mesmo anno: *Da mãe primeira co'o terreno seio*» o que não é exacto, e já notou Trigoso no seu *Exame critico*; e Innocencio, *Dicc. Bibliogr.* vol. v, pag. 268. Em ambas as edições, ditas de 1572, se lê «*Da primeyra.*»

Na edição portugueza de 1597, e não só desde a de 1609, como diz Innocencio, apparece porém já este verso escripto pela seguinte forma:

181 • (32) Seguindo a edição do padre Garcez publicou-se outra, dos *Luíadas* (em Berlim, 1808?) com a *vida do poeta* copiada da do mesmo Garcez, e as *lições varias* de Thomaz de Aquino. É uma edição singular pela advertencia ou prologo, escripto numa linguagem estrangeirada, e assignado por *C. d. Winterfeld*. Principia assim: «Aos leitores.—Presentamos a nossos leitores esta edição do poema immortal de Camoões, não sem receo de serem julgados por mais atrevidos que sabios, commettendo uma tal empresa em terra estrangeira, onde por falta de sufficientes medios, por valientes que sejam os editores, cujo vanto arrogar-nos não pretendemos, não he possibile alcançar o grado de perfeccão que justamente pode de-sejar-se».

O titulo exacto do livro é o seguinte:

«Luziada de Luiz de Camoens. Accrescentam-se as estancias despresadas por o poeta, as lições varias e breves notas para a illustração do poema—Edição de I. E. Hitzig».

Não tem data, nome de impressor, nem designa o local da impressão. Antecede o rosto uma folha, em que se lê:

«Obras de Camoões.—Tomo 1.»

Ignorâmos se a edição se completou com as outras obras do poeta.

O livro é em 16.º, de XLVI—464 pag., e uma folha de erratas.

*na
completou*

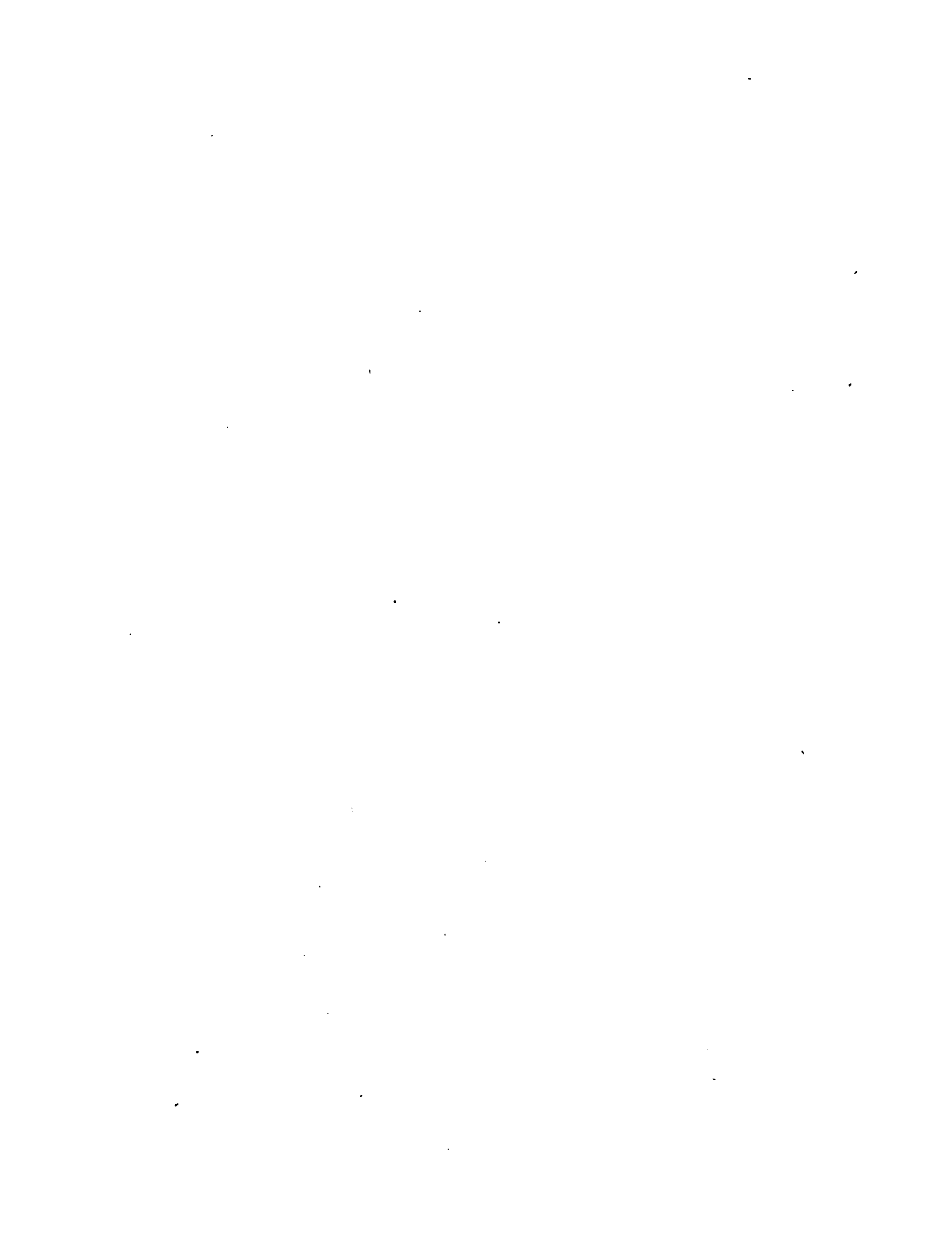
«Da mãy primeira co terreno seo

Dá-fe porém a singularidade de Bento Caldeira, na sua traducção castelhana, Alcalá de Henares, 1580, escrever:

«De la primera madre con el feno.

Este celeberrimo verso levou Faria e Souza a escrever nada menos de sete columnas de commentarios!

José Gomes Monteiro, na *Carta ácerca da ilha dos amores*, Porto 1849, ainda tambem nos diz, em nota pag. 22, que a introducção da *mãe* só foi feita pela primeira vez em edição portugueza na de 1609, o que ainda se repete a pag. 82, na tabua das *Variantes que se encontram nas diferentes Edições dos Lusíadas no verso 6.º da 8.ª 21.ª do canto 9.º*, feita pelo sr. Thomaz Norton, possuidor que foi de uma notavel camoneana, onde tambem se encontrava a edição de 1597 (n.º 6 do respectivo *Catalogo*, Porto, sem data, pag. 68) e lá o verso emendado segundo a lição de Benito Caldera.



Oenthusiasta editor da famosa edição de Paris, 1817, apartando-se do caminho seguido pela maioria dos editores antecedentes, não accitou o texto de Faria e Souza, nem as correcções de Barreto Feio, nem de Garcéz; o seu desejo foi restabelecer a lição original, livre das deturpações espalhadas por tantíssimas edições, que não eram já a cópia fiel do livro primitivo, «Não se julgue, diz elle a pag. xxiv da *Advertencia*, que exagero a calamidade de que estavamos ameaçados, e o mal que nos fizeram estes editores. Considere-se que a edição de 1572 é hoje tão rara, que eu não tenho noticia de existirem em Portugal mais de cinco exemplares; (33) e nos

(33) Hoje são conhecidos maior numero de exemplares; no *Dicc. Bibliogr.* menciona-se a existencia de 6 da edição *princeps* e 9 da dita *segunda*: alem d'estes, no Porto existem 2 exemplares da *pri-*

paizes estrangeiros todas as minhas diligencias não poderão descobrir senão este de Lord Holland. Assim se este raro numero de exemplares se perdeffe, ou se os donos delles os não quizessem communicar, não haveria possibilidade de restaurar o texto. O mal já he tão grande que a maior parte das peffoas hoje em dia só conhecem os LUSIADAS, pelas edições corrompidas, e muito corrompidas, dos ultimos annos.»

meira edição e 4 da segunda. A Bibliotheca d'esta cidade não possui nenhuma d'estas edições, nem das de 1584 e 1591!

Numa nota do *Exame* de Trigoso lê-se o seguinte: «A mais celebre d'estes exemplares com annotações he o que ainda hoje se conserva na livraria do Mosteiro de S. Bento da Saude, a qual he tradição que fora do uso do mesmo Poeta. Este exemplar (que he da segunda Edição de 1572) está bastante maltratado e falto de folhas: em baixo da que contem o Privilegio está escrito em huma linha com letra daquelle tempo: *Luiç de Camões seu dono.*»

Este exemplar não existe hoje no reino, segundo se vê da *Memoria sobre a edição de 1572, que pertenceu ao convento de S. Bento da Saude de Lisboa e hoje está em poder de sua magestade o imperador do Brazil*, ms. do sr. José Feliciano de Castilho. Vej. Edição Jurromenha, vol. I pag. 406. A proposito d'este exemplar, diz o sr. Innocencio, *Dicc. Bibliogr.* vol. III pag. 330, no artigo referente a fr. João de S. Boaventura, monge benedictino, que em 1834 emigrou para o Brazil, o seguinte: «Ouvi que levava consigo um exemplar da edição dos *Luziadas* de 1572 (isto é, do que se tem por segunda), pertencente ao mosteiro de S. Bento de Lisboa, o qual no Rio de Janeiro foi comprado annos depois por Sua Magestade Imperial, por alguns contos de reis, para fazer doação d'elle á Bibl. Publica d'aquella côrte, onde se conserva com grande estimação».

O livro, porém, não existe já na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, nem mesmo outro exemplar de uma das edições datadas de 1572, e que pertencera a Diogo Barbofa, cuja livraria, com os livros d'elrei D. João VI, passou para esta bibliotheca. Veja-se os respectivos *Annaes*, vol. I fasciculo 2.º, do anno de 1876-77. Da actual *camoneana* d'esta bibliotheca os exemplares mais antigos são,—n.º 1, *Rimas*, 1595; n.º 2, *Os Luziadas*, 1597.

E, a pag. xxvi, declara mui positivamente qual foi a sua intenção ao reproduzir o poema: «O meu primeiro cuidado foi o de dar puro o texto original do Poema, expurgado das mudanças, com que o tinham viciado os subsequentes editores, e restituído á edição *Princeps* de 1572, dada por Camões, impressa debaixo dos seus olhos.» Acrescenta porém que emendou os erros de impressão, ousando corrigir o texto original nalguns pontos que lhe pareceram errados «por negligencia dos impressores, ou do revisor das provas.» (34)

Restabelece o 3.º verso da oitava LIV do cant. II, conforme se encontra nas ditas *primeiras* edições.

«Levando o Idololatra, e o Mouro Prefo

(34) Não nos parece plausível que entre nós, e no século XVI, os auctores fossem os revisores das suas obras, mas sim os impressores, ou porventura individuos dedicados a essa especialidade, como no mesmo século succedia em França; lembra-nos até um edito de Francisco I (31 de agosto de 1539) no qual se determinava que, quando os impressores não fossem sufficientemente letrados para rever os livros que imprimissem, mantivessem correctores para esse effeito. Ainda em tempo de Luiz XIV (agosto de 1686) se renovou essa determinação.

Entre nós, hoje mesmo, nem todos os auctores reveem as provas dos seus escriptos, nem o sabem fazer, salvo na imprensa periodica, onde o auctor está em contacto com o compositor; ainda assim, no geral das impressas ha revisores.

Mais acrescentaremos que no século XVI, e depois ainda, o manuscrito, completo, tinha de transitar pela censura, e só depois ia para a imprensa. O compositor só tinha a seguir o original, onde se não podia, ou não devia, fazer alterações. O auctor neste caso nada tinha que modificar, competindo ao compositor, ou *impressor* como então se dizia, de fazer as correcções tão sómente dos *erros de caixa*.

Reproduz também das ditas edições o celeberrimo verso do canto IX

«Da primeira co torreno feio

queixando-se de Lyra, de João Franco Barreto, de Manoel de Faria, e do padre Thomaz de Aquino, que julgando o verso errado «mudaram-no sem piedade» reforçando a Manoel Correa, a quem reconhece por homem letrado e de boa fé.

Segue a chamada edição *princeps* em variantes de pouca monta, como por exemplo

Canto I oit. 22—*Começaram* a seguir a sua longa rota—em lugar de *Tornárão*—dita 2.^a ed.

Canto II—Quando as *fingidas* gentes se chegaram—em lugar de *infidas*

Canto IV—Como já o *forte* Huno o foi primeiro—em substituição de *fero*
e outras, de nimia importância; mas adopta da chamada *segunda* edição algumas modificações importantes, como por exemplo:

Canto II, oit. LVI—Filho de *Maia* á terra, porque tinha—em substituição do correspondente na edição dita *princeps*—de *Maria*

Canto III oit. 31—Em *batalha* cruel o peito humano—que na outra edição se lê—*trabalho*

Canto VIII oit. 32—Portuguez *Scipião* chamar-se deve—em lugar de *capitão*, que se lê na edição dita *segunda*.

E note-se que justamente estas tres variantes se encontram em Faria e Souza, que tão feias palavras lhe merece.

Alem d'estes, noutros pontos seguiu o morgado de Matheus a denominada *segunda* edição; veja-se a esse res-

peito a edição de Freire de Carvalho, Lisboa 1843, onde a pag. 365 se encontra uma «Tabella iv dos tres versos da reputada segunda edição de 1572, dos quaes o Morgado de Matheus se aproveitou, transferindo outras tantas correccões para a sua edição »

D'esta famosissima edição, que não é absolutamente cópia fiel da dita *princeps*, mas que é incontestavelmente, sob o ponto de vista typographico, um monumento a Camões, tem-se feito reproducções, e muitas, em Lisboa, em Paris, etc.; não obstante isso, e dos bons desejos do inclito editor, a edição não tem passado incolume aos apodos da crítica. Na edição de Hamburgo, 1834 vol. 1, prologo, pag. xi, lê-se:

«Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom José Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris... deixando-se levar da sua cega preocupação a favor da primeira edição, não só reproduziu os mais dos erros, que na segunda se havião emendado...» e a pag. III «regeitando a primeira de 1572, preferida pelo Snr. Souza, adoptaremos a *segunda* do mesmo anno, como a menos *viciosa*.»

Seja como for, a edição de Paris, 1817, não é uma reproducção completa da chamada *primeira* de 1572, comquanto a siga no geral; mas distingue perfeitamente as duas edições, designando por *primeira* a que tem no rosto o pelicano com o colo voltado a direita.

O academico Trigoso tambem é d'esta opinião, seguindo se vê do seu *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusíadas*, publicado como se sabe no vol. VIII p. II da *Hist. e memorias acad.*, Lisboa, 1823. Diz elle, pag. 173:

«... nada ha mais ordinario do que emendarem-se

em uma segunda edição os erros em que se tem cahido na primeira; aproveitarem-se os autores das criticas que lhe fizeram, e melhorarem por meio destas a sua obra: affim quando são elles os que fazem uma e outra edição, quasi que pôde haver certeza de que a ultima é preferivel. Guiados por estes principios he que sobretudo nos persuadimos de que a Edição a que Manoel de Faria, o Padre Thomás, e o Senhor D. José Maria de Soufa chamarão primeira realmente o he, porque a achamos bastante inferior á outra.»

De passagem notaremos que, na chamada *segunda* edição, não são taes e tantas as correccões, comparada com a denominada *princeps*, que isso se possa attribuir aos resultados da *critica*.



VI

Na edição de Hamburgo, em tres vol., comprehendendo as *obras completas* de Camões, «correctas e emendadas pelo cuidado e deligencia de J(osé V(ictorino Barreto Feio e J(osé G(omes Monteiro», segue-se effectivamente a alcunhada *segunda* edição, conforme se diz no prologo, e se repete nas notas (pag. 388) onde até se designa o exemplar de que se serviram.

«Na 2.^a por estarem as letras apagadas no ex. da bibliotheca de Paris, de que nos servimos.»

Não acceitam porém o verso 6.^o da est. 21 do canto IX conforme se encontra até nas duas primeiras edições por ser *vicio manifesto*, substituindo-o pela lição adoptada por Faria e Souza

«Da mãe primeira co'o terreno feio

e terminam a nota: «Sustentou portanto Manoel Correa a maior das falsidades, e cometteo o Morgado de Matheos o mais indisciplpavel dos erros em despresar a emenda feita e approvada por homens incomparavelmente mais doutos, só por seguir ás cegas a authoridade dessas edições originaes, em tantos logares convencidas de infieis.»

Na estancia 1 do canto 1 traspõe-se a conjuncção *E*, que existe no princípio do 7.º verso na edição dita *princeps* para o princípio de verso 5.º, justificando-se em nota a transposição, etc.

Esta edição é tida como correcta.

Em contraposição á apreciação, aliás defabrida, feita na edição de Hamburgo, do commentador Manoel Correa, escreve o sr. Francisco Freire de Carvalho na edição dos *Lusíadas*, Lisboa 1843, pag. 342, o seguinte, e em annotação ao celebrado verso do canto IX, que nesta edição se lê:

«Da primeira co'o terreno seio

«Advertiremos porém, que não deixa de parecer-nos grandemente plausivel a lição deste mesmo verso, adoptada por alguns editores.

«Da mãi primeira co'o terreno seio

«...Sem embargo d'isto, não nos resolvemos a preterir a lição das primeiras edições; visto ser ella authenticada pelo testemunho de um commentador coevo e amigo de Camões, e que affirma ter ouvido dizer ao Poeta ser ~~esta~~ a lição verdadeira: pois muito nos custaria a lançar sobre a reputação do Commentador citado a feia nota de falsario e mentiroso.»

Esta edição, precedida de uma *advertencia* critico-phi-

lologica, de *notas e variantes*, é, no dizer de Innocencio (vol. II pag. 380) «trabalho mui accurado, e feito com escrupulofa consciencia litteraria.»

A *advertencia*, na qual se expõe qual seja a correccção do texto, começa:

«A presente edição dos Lusíadas, que, de todos quantos tem apparecido até hoje, será por ventura a, que reproduz o texto do Poema o mais conforme á pureza primitiva, em que sahio da penna do seu immortal Autor, leva *cento e oito* versos corrigidos mais ou menos essencialmente, comparada com as anteriores dadas á luz em Lisboa pela typographia Rollandiana, em um volume em 16, as quaes são copias quasi fieis da do Morgado de Matheus, impressa em Paris no anno de 1817, e por consequencia da havida por primeira do anno de 1572.»

D'estas 108 correccções 35 são conformes ás que se encontram na presumida segunda edição, 18 que são comuns ás duas edições datadas de 1572, e as 55 restantes correccções «pela maior parte leves, de erros manifestos, que tem escapado á critica, aliás são de muitos dos editores antecedentes, erros que não podendo ser attribuidos á grande sciencia, vasta erudição e extremado bom gosto de Luiz de Camões, quaes reluzem em todo o seu Poema, entrarão nelle por incuria, talvez por ignorancia do copista do manuscrito.» ⁽³⁵⁾

A pag. 366-367 encontra-se uma Tabella, que é a v, «Das correccções, que talvez conviria fazerem-se ainda nos Lusíadas.» São quarenta.

O verso 7.º da estancia 1 do canto 1 encontra-se nesta edição escripto conforme a apelidada *segunda* de 1572.

⁽³⁵⁾ Op. citada, *Advertencia* p. x.

«E entre gente remota edificaram

Mas, em quanto a nós, o mais singular da edição, é a restauração do controvertido verso do canto IX

«Da primeira co'o terreno seio

restituido ao poema depois das impugnações e discursos varios de Faria e Souza, Ignacio Garcez, Thomaz de Aquino, Gomes Monteiro, *et reliquia*, acompanhando neste passo ao morgado de Matheus, que por isso alcançou aspera censura dos editores da edição de Hamburgo (1834).

Na recente edição das *Obras de Camões*, edição aliás curiosíssima pelas especies novas ou pouco conhecidas de que tracta, no vol. VI, (Lisboa, 1870) que comprehende os *Lusiadas*, diz o sr. Visconde de Juromenha no *Prologo* pag. IX: «Sáe á luz n'este sexto volume das obras do nosso poeta o seu poema immortal dos *Lusiadas*, conforme a edição por elle publicada na sua vida, isto é, aquella que se reputa ser a *segunda*.» e a pag. XII «A edição que seguimos é a *segunda* de 1572, porque nos pareceu de razão, havendo duas edições do mesmo anno, em vida do seu auctor, seguir a que se julga segunda, que em alguns pontos nos pareceu preferivel, acontecendo porém o contrario em outros, que estão melhorados na *primeira*.»

Em quanto a ferem as duas edições feitas no mesmo anno já dissemos o que nos pareceu conveniente para não aceitar a hypothese, e abstermo-nos por agora de novas reflexões, por termos de voltar ao assumpto. Notaremos apenas que a edição adoptada foi a *segunda*, como a que pareceu mais regular, conservando-se até a *E* no 7.º verso da primeira oitava do canto I:

«E entre gente remota edificaram

como fizeram Manoel Correa, Franco Barreto, e Freire de Carvalho.

O tantissimas vezes questionado verso da estancia XXI do canto IX segue a lição das edições datadas de 1572

«Da primeira co' o terreno feio

não obstante os commentarios de Faria e Souza, Thomaz d'Aquino, e da edição de Hamburgo. Em a nota correspondente apenas diz, motivando a lição (pag. 542) «Assim trazem as duas primeiras edições de 1572, e assim diz Manoel Correa que fizera este verso Luiz de Camões, e lh'o ouvira, e não como anda impresso: =*da may primeira*=; e por isso conservamos a lição original.» E nota que a mudança foi introduzida pelo traductor Bento Caldeira na edição hespanhola de 1580.

Esta concisão, se não envolve unicamente respeito pela auctoridade das edições de 1572, é resposta eloquente ao vasto commentario de Faria e Souza, a Thomaz d'Aquino, e á nota correspondente da edição de Hamburgo.

Effectivamente Manoel Correa, na sua edição dos *Lusíadas*, Lisboa, 1613, traz o verso pela forma que se encontra nas edições datadas de 1572

«Da primeyra co terreno feio

e no seu commento diz «Assi fez Luis de Camões este verso, & não como anda impresso: da mãy primeyra co terreno seyo: que foi acrescentamento da syllaba mãy, por

crerem que faltava ao verso o *q̃* não he... *E assi o ouvi a Luis de Camões.*» ⁽³⁶⁾

Não ha que duvidar da feriedade de Manoel Correa, que não tinha motivo, neste caso, para sustentar uma faldade, aliás vendo-fe que no comment. á estancia 71 do canto ix, onde os versos

«De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as *fraldas* delicadas:
Accende-fe o defejo, que fe ceva
Nas alvas *carnes* subito mostradas

são substituidos por est'outros

«De hũa os cabellos de ouro o vento leua,
Correndo, & de outra as *vestes* delicadas,
Accende-fe o defejo que fe ceva ⁽³⁷⁾
Nas aluas *partes* subito mostradas

e nos diz, commentando estas e seguintes estancias: «Este he o sentido literal destas octauas: & neste sentido ficão ellas sem nenhũa especie de defhonestidade, que alguns lhe quizerão attribuyr: entendendo-as contra a intenção do Poeta, como me cõsta que elle o dizia, & assi como aqui estão impressos as tinha emendadas, por conselho dos Religiosos de S. Domingos desta cidade, com que tinha grande familiaridade.» Veja-se que nesta passagem apenas diz: *como me consta*, o que revela inteira lealdade da parte do

⁽³⁶⁾ Op. cit. fol. 243.

⁽³⁷⁾ Na edição de 1613 lê-fe *que se cerca*, mas é manifestamente erro typographico, porque até fe falta á rima.

commentador, não affirmando que *ouvira* o que apenas lhe *constava*, o que também diria a propósito da supressão da *mãe* na estancia XXI se apenas lhe *constasse* e não tivesse *ouvido*, como positivamente affirma.

Emquanto á substituição das *fraldas* por *vestes*, e de *carnes* por *partes*, quer-nos parecer que não lucraram muito os pudicos ouvidos; e mesmo que assim fosse, lá ficava ainda a oitava LXXXIII sem reparo, apesar do conselho provavel dos austeros dominicanos.

Seja como fôr, temos por certo que Manoel Correa escreveu lealmente, e se assim não fosse, e se estivesse influenciado por qualquer motivo, elle, que accitou *por lhe constar*, as emendas feitas pelo reparo dos frades de S. Domingos, que preferiram as *vestes* ás *fraldas*, de certo se não aproveitaria da amizade do amigo, fallecido já, para lhe attribuir positivamente a opinião que lhe não pertencia.

A edição dos *Lusiadas*, commentada por Manoel Corrêa, póde caracterisar-se authentica em relação á edição *original*. Corrêa foi contemporaneo e amigo de Camões, com o poeta fallou relativamente ao poema, pelo poeta mesmo fôra convidado para lhe fazer annotações ao livro; isto claramente nos diz Corrêa, e mais, que as annotações estavam feitas havia annos, *muytos annos*, antes de resolver-se a publical-as, muito antes portanto de 1613, em que foram dadas á luz, sendo já por então fallecido o annotador. ⁽³⁸⁾

Esses *muytos annos* aproximam o commentador do

⁽³⁸⁾ Pedro de Mariz, na advertencia *Ao estudioso da licção Poetica* na edição de 1613, diz, referindo-se a Manoel Corrêa :

«Outras muytas cousas dignas de estima, tinha este varão para imprimir em outras linguas, primeyro que este commento. Mas sua *antecipada morte* desordenou tudo de maneyra, que padecendo cruel

commentado, e de certo Manoel Corrêa conhecia bem o original de que se serviu, porventura offerta do auctor, ou pelo menos de edição que o auctor não tinha por bastarda, na hypothese de haver mais de uma publicada durante a vida de Camões. Entre um e outro, entre o auctor, que pedira *com muita instancia* para ser commentado, e o commentador, que só mais tarde se aventurou á empreza, deveria existir a sobeja convivencia e amizade para que, nem o auctor se molestasse dos reparos ou annotações do amigo, nem o amigo se furtasse a commentarios quando o caso o pedisse.

D'aqui resulta que se entretiveram fobre o assumpto, que fallaram d'elle e nelle, e isto não se podia dar fem que Manoel Corrêa tivesse pleno conhecimento do livro de que fallava e de que lhe fallavam.

Ora a edição de Manoel Corrêa, salva a substituição de *vestes* por *fraldas* e de *partes* por *carnes*, no canto ix, motivada pelas causas por elle expostas, reproduz a chamada *segunda* edição, inclusive no fetimo verso da primeira oitava do canto i, até com a mesma orthographia:

«E entre gente remota edificarão

Esta reproducção não foi, não podia ser, fortuita. Manoel Corrêa reproduziu o livro que conhecia, de que se servira nas suas palestras litterarias com o auctor; reproduziu o livro conhecido de ambos.

naufragio, só esta faísca de suas obras sahio acima das aguas. Mas tão enuolta nellas, que quasi sofobrada de nouos perigos de sua inundação, lhe mandey acudir com hũa cortiça de algus dobroês: perque o tribunal da Legacia a mandou rematar em almoeda, como espolios da See Apostolica.»

Entre o periodo da elaboração das annotações e a sua publicação mediaram annos—muitos annos—e a publicação deve-se á necessidade que Manoel Corrêa teve de salvar a honra do amigo, ⁽⁸⁹⁾ que desvairadas interpretações tinham desfrutado. «Hoje o faço (a publicação) só por sayr pela honra de Luiz de Camões, que por esta sua obra não fer entendida de todos, he calumniada de muytos; & declarada de algũs.» diz elle no seu pequeno prologo ou introdução. Referir-se-hia Corrêa á edição de 1584, com as suas notas ás vezes bem pouco sensatas? referia de certo, e se assim não fosse, Corrêa careceria de motivos para *sahir pela honra* do amigo. A sua edição commentada é um protesto contra as interpretações injustas ou impertinentes, e como base d'esse protesto apresenta o texto genuino, o que elle conhece, e conheceu em vida do auctor.

Não falla em duas edições de 1572, apresenta a lição da *Jegunda*, sem se referir a outra, o que feria natural fizesse, dado o caso de ter conhecimento d'ella.

Os commentarios de Corrêa foram certamente feitos antes de 1584; e deu-se a esse trabalho sem intenção de o dar á imprensa, intenção que modificou desde que teve motivo para isso: o motivo parece ter sido a edição dos *pis cos*.

Ainda tambem ha a notar que, dada a hypòthese de em vida do poeta se ter feito nova edição correcta do poe-

(89) A publicação não foi feita por Corrêa, mas por intervenção de Mariz que obteve por compra o ms; porém, o auctor auctorifára antecedentemente a Mariz a publicar-lhe o *commento*, como este mesmo diz no fim da advertencia «Fazendo hora imprimir... Para o que o mesmo Commentador me tinha dado licença: sem a qual (pode ser) que lhe não metèra a mão em sua sementeyra».

ma, natural fôra que Manoel Corrêa o declarasse, o que aliás lhe cumpria para mais realçar o livro que lhe merecêra a canceira das anotações: se o não fez é que de certo não conheceu do livro senão a edição cujo texto reproduziu, e esta ignorancia não se coaduna com a condição de amigo e contemporaneo do poeta.

—BOLSE—

VII

Desde 1572, anno da publicação da primeira edição dos *Lusíadas*, até 1584, em que se deu á estampa a edição dos *piscos* ⁽⁴⁰⁾ medearam doze annos, periodo em que o reino soffreu formidaveis agitações.

O rei, dotado de um temperamento belicoso,—irrequieto, fonzando com a extirpação dos inimigos da fé,

(40) O nome veiu-lhe da extravagante nota feita ao segundo verso da oitava 65.^a do canto III

«E a piscosa Cizimbra, & juntamente

e que o annotador esclarece da fórma seguinte: «Chama piscosa, porque em certo tẽpo se ajunta ali grãde cãtidade de piscos para se passarem a Africa.»

aguilhoado pela fêde de conquistas, sem escutar conselhos nem acceitar alvedrio alheio, tinha por objectivo das suas phantasiofas emprêzas a rendição das terras africanas, por onde, para enfaiar a mão, se foi a fazer correrias, mal apresntado para ellas, e de onde regressou «com mal afortunado successo» (41) e persistindo no intento, volta a Africa, preparado com insignias magesstaticas para se coroar imperador, e chronista para lhe escrever as façanhas, terminando a sua aventureosa e desfaztrada carreira em Alcazer-kebir, onde com elle se sobverteu a flôr da fidalguia do reino. (42)

A nobreza, antes do fatal emprehendimento, se não ia mercadejar pelas conquistas sob côr de mais exalçar o pavilhão nacional, foliava nos intervallos em que se não edificava com predicas e procissões; o povo inconsciente, era levado na onda dos acontecimentos.

As conquistas eram o forvedouro da mocidade do reino, cuja população, em menos de um seculo, diminuiu a quarta parte. (43)

Os louros da victoria, alcançados no oriente á custa

(41) Fr. Braz da Cruz, *Chron. de D. Sebastião*, pag. 57.

(42) Bayão, no *Portugal cuidadofo*, livro v, cap. xxii, traz a relação de mais de 160 peffoas, nobres ou gradas, que pereceram na batalha, ou se estraviaram, mencionando entre ellas o duque d'Aveiro, os condes de Vimioso, de Redondo, da Vidigueira, d'Alvito, de Odemira, os bispos do Porto e de Coimbra, terminando por estas palavras «e outros muitos cavalheiros e senhores, que por abreviar não nomeyo.» Este cap. corresponde ao lxx da *Chronica de D. Sebastião*, de fr. Bernardo da Cruz, d'onde parece foi copiado.

(43) Segundo Balbi, *Essai statistique sur le Portugal*, vol. 1, pag. 187, a população do reino em 1527 poderia avaliar-se em 1.550:000 individuos, e em 1636 apenas em 1.100:000.

de tanto esforço e de tantas vidas, ficaram esmagados em Africa e com elles a independencia.

A Alcacer-kibir seguiu-se o reinado ephemero do indeciso cardeal, as ambições dos pretensores, a coroação tumultuaria de D. Antonio, a derrota dos seus partidarios; desce o nivel do patriotismo, a individualidade nacional tende a defapparecer, até que os governadores do reino acclamam em Badajoz o filho de Carlos v, as côrtes de Thomar lhe entregam a coroa, e Filippe II de Castella, o rei filicida, ⁽⁴⁴⁾ faz a sua entrada solemne em Lisboa, no meio de estrondosas festas, e até do regoijizo publico! ⁽⁴⁵⁾.

Depois da conquista, a perseguição, não fô aos partidarios do malafortunado D. Antonio, como tambem aos nobres renitentes, aos que não acceitavam de boa feição o dominio do estrangeiro.

Pode-se bem inferir que neste periodo as artes e o commercio fraca prosperidade deveriam ter; primeiro, emquanto se unicamente cuidava aprestar para as correrias, depois quando se anteviam as agruras do captivo: em qualquer dos casos, mal se poderia cogitar no desenvolvimento das artes e das letras.

⁽⁴⁴⁾ A. Herculano, *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, vol. III pag. 333.

O principe D. Carlos, filho de Filippe II e de D. Izabel, filha de D. João III, morreu violentamente em 1568 com 23 annos incompletos de idade.

⁽⁴⁵⁾ Mestre Affonso Ribeiro—*Das festas que se fizeram na cidade de Lisboa, na entrada del Rey D. Philippe primeiro de Portugal*, Lisboa 1581—Izidro Velasquez Salamantino—*La entrada que en el reino de Portygal hizo la S. C. R. M. de D. Philippe*—Lisboa, 1583.—Como se sabe, Filippe II de Hespanha entrou em Lisboa a 26 de junho de 1581.

A imprensa acompanhou o movimento geral; fe em 1572 havia em Lisboa 4 impressores e no resto do reino outros 4, total 8, em 1584 em Lisboa não havia mais, e no resto do reino só tres, total 7 ⁽⁴⁶⁾ e neste lapso de tempo apenas sahiram dos prelos da capital 92 obras, e dos outros 53, salvo algumas leis avulsas, total 145 obras, isto é, a media de 11 por anno.

Estas 145 obras podem classificar-se pela seguinte forma:

Historia, viagens.....	9
Sciencias naturaes e exactas.....	17
Direito, legislação.....	20
Litteratura, polygraphia.....	25
Theologia, mystica, congeneres.....	74

A litteratura clerical, pois, representava um pouco mais de metade do total dos productos da imprensa, já então subjugada pelo *Index* e pela censura. ⁽⁴⁷⁾

(46) Em 1584 imprimiam em Lisboa, André Lobato, Antonio Ribeiro, Manoel de Lyra e Marcos Borges—em Coimbra, Antonio de Mariz, impressor e livreiro da Univerfidade, João Alvares e João de Barreira impressores regios e da Univerfidade. No Porto não havia prelos desde 1574, anno em que aqui estivera Fructuoso Pires, sem nesta cidade estabelecer domicilio. Antes d'elle vieram e imprimiram no Porto, em 1555, Francisco Corrêa, de Lisboa; em 1540-41, Vasco Dias, impressor volante, de nação hespanhol. Além dos mencionados, não houve no Porto durante o seculo XVI mais impressor algum.

(47) O primeiro *Index* publicado em Portugal foi o de 1564, por mandado do cardeal infante D. Henrique, inquisidor geral. Foi impresso em Lisboa, por Francisco Corrêa. Em 1581 publicou-se novo *Index*, Lisboa, Antonio Ribeiro, 1581. Ambos se compõem de uma parte latina e outra em portuguez.

Os poetas precavidamente se entretinham com as musas, e só confiavam as inspirações ou aos açaftates das suas bellas ou aos codices dos amigos e curiosos; para a imprensa não iam ellas, que no caminho estava a censura para expungir-lhe os devaneios. ⁽⁴⁸⁾ Assim, nem Camões viu impressas as suas *Rimas*, nem Caminha as suas *Poesias*, e Bernardes só muito tarde deu á estampa o seu *Lima*, (1596). As obras de Ferreira ⁽⁴⁹⁾ e de Sá de Miranda, ⁽⁵⁰⁾ comquanto conhecidas, apreciadas até, só o eram por compilações manuscritas.

Foi nesta conjectura que appareceu a edição dos *Piscos*. O editor, no rosto do livro, apenas nos diz que o poema vae annotado: «Os Lusíadas de Luis de Camões. Agora de nouo impresso, com algúas Annotações de diuerfos Autores». Nas licenças porém revela-se que o livro soffreu modificações que nelle foi preciso introduzir para o deixarem correr, notando-se ahi logo que essas modificações

⁽⁴⁸⁾ No *Index* de 1581, parte segunda, *Catalogo dos livros que se prohibem, etc.*, comprehendem-se entre outras as seguintes obras: *Dianas*, todas as partes (Antuerpia, 1580) de Jorge de Monte-mor; *Eufrosina*, (Evora, 1561) de Jorge Ferreira de Vasconcellos; *Menina e moça*, (Evora, 1558: Colonia, 1559) de Bernardim Ribeiro; *Ropica neuma*, (Lisboa, 1532) de João de Barros; *Ulyssippo*, (impressa em . . .) de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Esta comedia, cuja primeira edição se não conhece, já vem incluída no *Index* de 1564, pela seguinte forma: *Ulyssippo não se tera sem licença de quem tiuer o carregado dos liuros*.

⁽⁴⁹⁾ Antonio Ferreira falleceu em 1569. A tragedia *D. Ignez* só foi publicada em 1587; os *Poemas Lusitanos* em 1598.

⁽⁵⁰⁾ Francisco de Sá de Miranda morreu em 1558; as suas obras foram todas publicadas posthumas, a *Comedia de Vilhalpandos*, em 1560, os *Estrangeiros*, em 1561 e 1569, mas as *Obras completas* só o foram em 1595.

tendem a tornar o poema orthodoxo e moral, confoante a epocha o pedia, e o auctor se esquecêra de o fazer. Diz pois a licença do sancto officio:

«Vi por mandado do Illustrissimo, & Reuerendissimo senhor Arcebispo de Lisboa, Inquisidor geral destes Regnos, (51) os *Lusiadas* de Luis de Camões, com *algũas glosas*, o qual liuro assi *emendado como agora vay*, não tem coufa contra a fee, & bõs costumes, & podefe imprimir. E o autor mostrou nelle muito engenho, & erudição.—Fr. Bertolameu Ferreira.» (52)

É para notar que o censor da edição de 1584 foi o mesmo da de 1572, na qual, apesar de se não terem feito as emendas, tambem não encontrára coufa alguma contra a fé. Dizia elle então:

«Vi per mandado da fanta & geral Inquição estes dez Cantos dos *Lusiadas* de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portuguezes fizerão em Asia & Europa & não achey nelles coufa algũa escandalosa nem contraria á fe & bõs costumes, sómente me pareceo necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portuguezes na India, vsa de hũa *fição* dos Deofes dos Gentios.» (53) etc.

As crenças dos censores acrisolaram-se em doze annos e por isso, mais accentuadamente meticolosos expurgaram o poema de tudo o que mais remotamente beliscava a fé ou despertava pensamentos menos castos. Os *deuses* foram banidos do livro como individualidades intrufas, cuja re-

(51) D. Jorge d'Almeida, clérigo secular, doctor em canones, e arcebispo immediato ao cardeal D. Henrique.

(52) *Lusiadas*, Lisboa, 1584.

(53) *Lusiadas*, Lisboa, 1572, dita 2.ª edição, verso da 2.ª fl.

ferencia mesmo não podia ser tolerada. Os *deuses* foram substituídos por *ídolos*, por *fados*, por *senhores*, por ex. no canto I, est. XXIII

«Os outros *deuses* todos affentados

foram substituídos, num verso que excede a medida, por

«Os outros *Ídolos* todos assétados

na oit. LXXV

«Ja quizerão os *deuses* que tiveffe

passaram a ser *fados*

«Ja quizerão os *fados* que tiveffe

na oit. XXVI

«Deixo, *deuses*, atraz a fama antiga

emendaram-se para *senhores*, crescendo o verso uma syllaba

«Deixo *senhores* atraz a fama antiga

Na oitava xxx

«Quando os *deuses* por ordem respondendo

fão os *deuses* substituídos por um adjectivo quantitativo

«Quando *todos* por ordem respondêdo

Na oitava xli

«Logo cada um dos *deofes* se partio

representam-se por um pronome pessoal e num verbo errado

«Logo cada um *delles* se partio

Na oitava xlii

«Queimava então os *deofes* que Tifeo

é um adjectivo demonstrativo que os designa

«Queimava então *aquelles* que Tifeo

No canto vi, estancia xiii

«.....a guerra

«Que tiverã os *deofes* co os gigantes

os *deofes* são substituidos por uma periphraze, cujo sentido é relativo, acrescendo que o verbo excede a medida

«.....a guerra

«Que tiuerão os *de cima* cos Gigantes

No canto i oit. xx

«Quando os *deofes* no Olympo luminoso

os *deofes* são postos fora da celestial morada, ficando apenas o filho de Opis a represental-os:

«Quando *Jupiter* no Olimpo luminoso

No canto IX oit. XCII ⁽⁵⁴⁾

«De *deofes*, semideofes immortaes

são os *deofes* completamente excluidos, brindam-se os seus subalternos com mais um adjectivo, e o verbo fica encolhido:

«De *altos* semideofes immortaes

Os *deofes*, nem mesmo *vãos*, podem ser *deofes*: differa o poeta, canto X oit. XV

«Em vão aos *deofes* *vãos*, surdos immotos

e a censura emendou:

«Aos *Idolos* seus *vãos*, surdos immotos

Não só deixaram de ser *deofes* para ser *Idolos*, mas *Idolos* *vãos*!

As *deofas* foram também comprehendidas na prescripção geral. No canto I oit. C

«Mas a *deofa* em Cythere celebrada

a mãe do amor converte-se numa divindade de segunda ordem

«Mas a *nimpha* em Cythere celebrada

(54) Na edição de 1584 esta oitava é a 87.^a por se terem cortado 3 das anteriores.

No canto x oit. III mal pareceu que o Gama se entretiveffe com celestes potestades:

«Está co a bella *deofa* o claro Gama

e portanto ao egregio argonauta concederam apenas uma regia magestade:

«Estava co a *Rainha* o claro Gama

No canto I oit. xxxvi lê-se na lição primitiva

«Mas Marte que da *deofa* sustentava

a censura porém não concede á filha de Jupiter e Dione o substantivo appellativo com que a designam os poetas, e chama-lhe mui fecamente pelo seu nome proprio:

«Mas de Marte que de *Venus* sustentava

na oitava cii do canto I, na xxii do canto II, etc. tambem não é *deofa*, é *Venus* simplesmente: no canto I oit. xxxiv não é a *clara dea*, mas a *nunca fea*: concede-se-lhe a belleza eterna, mas que seja *deofa*, isso não.

No canto x oitava x a *deofa* do mar não é *deofa*, é a bella *Thethys*. Ino, convertida em Leucothea, não passou por isso a ter *divino* estado, teve de contentar-se com um *sublime* estado; no canto vi oitava xxiii, o filho igualmente não entrou em o numero dos *deoses* mas dos *grandes*, mesma oitava. Na estancia seguinte, Glauco tambem não é *deos*, é *aquelle*.

No canto II o Gama deixa de ter a *Venus* por inter-

ceffora ante o potente o Jove, provavelmente por apparecer-lhe

«..... como ao troiano
Na selva Idea já se apresentara

Differa o poeta, oitava xxxiii

«Ouviolhe estas palavras piedofas
A formofa Dione, e commovida
Dentre as nimphas se vae que faudofas
Ficarão desta fubita partida.
Ja penetra as estrellas luminofas,
Ja na terceira esfphera recebida,
Avante passa e la no sexto Ceo
Para onde estava o Padre se moveo.

Emendaram os censores, com esta chôcha oitava,
que não prima pela correccão grammatical:

«Oraua o illustre Gama desta forte,
Quando *hua voz* ouuio q̄ do alto vinha
Dizendolhe, Não temas ver a morte
Tão propinqua a ti, & tão vesinha,
Animate, & esforça varão forte,
Que tal empresa, a tal varão convinha,
Ouindo isto e Gama atento estaua,
E a voz, que bem se ouuia, affi foaua

Depois da substituição da oitava, cortaram as seguintes, desde a xxxiv até á xliii Inclusive, isto é, 10 bellissimas oitavas: a seguinte, que passou a ser xxxiv, é retocada, não sendo o grão tonante que responde:

«Formosa filha minha, não temais
 Perigo algum nos vossos Lusitanos;
 Nem que ninguém comigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometto, filha, que vejais
 Esquecerem-se Gregos e Romanos,
 Pelos illustres feitos que esta gente
 Hade fazer nas partes do Oriente.

Quem responde é a voz *que do alto vinha*, a qual anima os navegadores, começando por esta oitava bem pouco sublime

«Famosos Portuguezes não *temais*
 Perigo algum *jamaiz* em Lusitanos
 Nem *que* nenhum *que* elles possa mais
 Em quâtas gerações houver de humanos
 Que eu vos fico amigos que vejais
 Esquecerem-se Gregos & Romanos
 Pellos illustres feitos que essa gente
 Hade fazer nas partes de Oriente.

Como desappareceram os *deoses*, tornou-se inutil a profeção de fé do poeta, e foram cortadas no canto x as oitavas 83 e 84. A oitava 85 passou a ser 82, por ter sido cortada também a 25.

As phrases que podiam escandalisar o mais austero monotheismo foram cuidadosamente substituidas sempre que se referiam a entidades pagãs. No canto II estancia LVI, que na edição de 1584 é a XLVI, o filho de Maria não é o *consagrado*, mas o *mui amado*; na última oitava do mesmo, o templo de Diana para não ser *sagrado* é apenas *insigne*; em o canto x estancia v á Sirena muda-se-lhe o adjectivo

de *angelica* para *dulcissima*: no mesmo canto, oitava XI, o *summo sacerdocio* é reduzido a *regia dignidade*: no canto I, para evitar que se chame *padre* a Jupiter, estes dois versos da oitava XLI

«Como isto disse o *Padre poderoso*
A *cabeça inclinando*, consentio

foram mudados por est'outros, onde se concede ao pae dos deoses um semblante risonho em compenção de se lhe eliminar o poderio

«Como isto disse *Marte Rigoroso*,
Jupiter com rosto ledo, consentio.

A objurgação feita aos membros da companhia de Jesus tambem não poude passar sem reparo, e por isso foi cortada a oitava CXIX, que começa:

«E vos outros que os nomes ufurpaes
De mandados de Deus.....

Esta oitava deveria ser nesta edição a CXVI. Sob o ponto de vista orthodoxo ficou o poema sem o mais leve fenão.

Mas isso não bastava: o furor pudibundo dos censores levou-os tambem a cortar no poema as passagens que podessem despertar ideias menos castas ou contrárias aos mais purísimos costumes.

No canto III, estancia CXLII, o poeta relewa a D. Fernando da sua paixão adúltera.

«Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem damor experiencia

Os censores não estiveram porém de accôrdo, e cortaram a oitava, que poderia induzir a maos exemplos.

No canto v foi cortada a oitava lv, porque nella se diz que o Adamaftor beijára o phantasma que tomára por Thetis

«..... e começa os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, os cabellos.

O famosissimo episodio da ilha dos amores foi mutilado sem piedade. D'aquelle risonho quadro foram cortadas as bellas oitavas LXXI, LXXII, LXXIII, LXXVIII e LXXXIII, ficando assim esta graciosa pintura sem os toques leves que tanto a realçam. Os austeros alvidradores da castidade alheia de certo exultaram, mas o painel ficou sem a graça que o auctor lhe dera, e o poema, um livro inoffensivo, mas tambem indelevel padrão da intolerancia e da falta de censo artistico.

A censura não fustigou o poema unicamente sob o ponto de vista religioso e moral, mas ainda nas suas apreciações historicas, e até nas suas manifestações scientificas.

A crítica feita a D. Manoel por mal ter pago os servicos do grão Pacheco não escapou ao censor, e portanto a estancia xxv do canto x foi riscada. Ao poeta, como historiador, não pertencia apreciar de um facto conhecido, apesar mesmo do poeta julgar o rei venturoso menos justo unicamente neste caso—*fo nisto inico.*

O phenomeno physico das trombas marinhas, enunciado em duas oitavas, não agradou tambem aos censores, e portanto a noticia do meteoro foi riscada como at-

tentatoria da fé e bons costumes, se é que o não foi para justificar a ignorancia de taes censores: desappareceram portanto do poema as oitavas XIX e XX do canto V.

Ainda outros córtes soffreu o livro, porém seria longo e fastidioso esmiuçar todo o trabalho da thesoura censural.

Esta edição, ainda assim, apesar das atrozes mutilações a que foi condemnada, tem certo valor historico bibliographico; é certo que os ultimos versos da primeira oitava do canto I são conformes á dita *primeira* edição de 1572, falva a terminação dos versos:

Entre gente remota edificarão
Novo reyno que tanto sublimarão

mas nas outras variantes, em geral, segue a chamada *segunda*, como por exemplo:

- C. II, oit. 1.^a v. 7—Quando as *infidas* gentes se chegarão
—por *fingidas*.
24 v. 7.^o—Os estaua um maritimo pendo—por
O estaua.
56 v. 2.^o—Filho de *Maia* a terra porque tenha ⁽⁵⁶⁾
—por *Maria*.
74 v. 2.^o—*Da* gente que vem ver a leda armada ⁽⁵⁶⁾—por *De*.
C. III, oit. 34 v. 5.^o—Em *batalha* cruel, o peito humano
—por *trabalho*.
93 v. 8.^o—Que não fôr mais q̃ *todos* excellente
—por *tudo*.

⁽⁵⁶⁾ Na edição de 1584, esta oitava é a 46.^a

⁽⁵⁶⁾ É a 64.^a

- 117 v. 8.^o—E depois *por* Iesu certificado—*por de*.
 133 v. 7.^o—O nome do seu Pedro *que lhe* ouvistes
 —*por que*.
 C. iv, oit. 24 v. 3.^o—Como já o *fero* Huno o foy primeiro
 —*por forte*.
 C. v, oit. 41 v. 7.^o—*q̃* eu tão tẽpo *ha ja q* guardo & tenho
 —*por ha que*.
 C. vi, oit. 41 v. 4.^o—Não *soffre* amores nem delicadeza—
por fosse.
 57 v. 8.^o—E das damas fervidos e *amimados*
 —*por animados*.
 82 v. 2.^o—*Doutra* Scylla & Carybdís já pas-
 sados ⁽⁵⁷⁾—*por Doutro*.
 C. vii, oit. 70 v. 3.^o—Do *rico* Tejo & fresca guadiana
 —*por rio*.
 C. viii, oit. 32 v. 3.^o—Portugues *Scipião* chamar se deve
 —*por capitão*.
 C. ix, oit. 30 v. 2.^o—Estão em varias *obras* trabalhando
 —*por ondas*.
 C. x, oit. 10 v. 1.^o—*Cantava* a bella Thetis, ⁽⁵⁸⁾ que virião
 —*por Cantando*.
 126 v. 5.^o—Vê nos remotos *montes* outras gen-
 tes ⁽⁵⁹⁾—*por ventos*.
 156 v. 4.^o—Os *muros* de Marrocos & Trudan-
 te, ⁽⁶⁰⁾—*por mouros*.

(57) Esta oitava está numerada 83.^a na edição de 84, mas é erro, porque da oitava 75.^a passa-se para a 77.^a, continuando errada a numeração até ao fim do canto.

(58) Nas edições ditas de 1572 está *deofa* em lugar de *Thetis*.

(59) Na edição de 1584 esta oitava é a 123.^a

(60) Corresponde nesta edição á 153.^a oitava e ultima.

D'esta harmonia entre a segunda edição de 1572 e a de 1584 pode-se inferir que o editor não conheceu a chamada *primeira* edição, suppondo que o feja.

A edição de 1584 seguiu-se a de 1591, mutilada como aquella no texto, impressa pelo mesmo impressor, com as mesmas notas não interpoladas no poema, porém juntas no fim. As notas foram em parte eliminadas, entre ellas a referente á *piscofa Ceçimbra*. ⁽⁶¹⁾

Estas duas edições parece que não satisfizeram os curiosos das letras patrias, porquanto da mesma officina que as imprimira sahiu em 1597 uma nova edição, feita á custa de Estevão Lopes, mercador de livros, ⁽⁶²⁾ que obteve privilegio para a publicação, depois de ter licença da sancta inquisição, em 30 de dezembro de 1595.

Nesta edição promettia-se restaurar o texto da primitiva dos *Lusiadas*--«Polo original antigo agora novamente impressos» diz-se no rosto.

A edição, como as datadas de 1572, é em 4.º, em caracteres italicos, e tambem com 186 folhas numeradas no recto; segue em geral as lições da chamada *segunda*. Ape-
sar porém de se dizer feita pelo original antigo, o epifodio

⁽⁶¹⁾ Esta edição é uma das mais raras, conhecendo-se hoje poucos exemplares. O sr. Innocencio accusa só a existencia de dois em Lisboa. Vi porém um terceiro que pertenceu ao fallecido sr. Francisco Antonio Fernandes, do Porto, possuidor d'uma rica e numerosa camoneana, a qual passou a novo dono. Da edição de 1584 fei da existencia aqui de 7 exemplares, dos quaes possui dois, não muito perfeitos, o meu particular amigo Antonio Moreira Cabral.

⁽⁶²⁾ Este livreiro foi tambem o editor da edição *principis das Rimas*, Lisboa, Manoel de Lyra, 1595, e da 2.ª edição das mesmas, impressas por Pedro Craefbeek, Lisboa 1598.

da ilha dos amores não passou incolume. A oitava LXXI do canto IX, que no texto original se lê

«De hũa os cabellos o vento leua
Correndo, & da outra as fraldas delicadas;
Acendefe o desejo que se ceua
Nas alvas carnes subito mostradas:
Hũa de industria cae & já releu a
Com mostras mais macias, que indinadas
Que fobre ella empecendo tambem caya
Quem a seguiu pela arenosa praia.

é substituida por esta, cujo sentido não é claro :

«D'hũa os cabellos d'ouro o vento leua
Que madeixas d'Arabia parecião,
Acendefe o desejo que se cêua
De ver que mais que o Sol resplandecião:
Outra co'a pressa cae, & já releua
Rênderfe aos leues pees que a seguiam,
E por se affegurar de quem a offende,
Com se meter nas armas se deffende.

As oitavas LXXXII e LXXXIII, que no texto primitivo se encontram d'esta forma :

«Ja não fugia a bella Nimfa tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por hir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia,

Volvendo o rosto ja sereno & santo
 Toda banhada em riso & alegria
 Cahir se deixa aos pes do vencedor
 Que todo se desfaz em puro amor.

«O que famintos beijos na floresta,
 E que mimoso choro, que soava,
 Que afagos tão suaves, que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava :
 O que mais passam na manhã & na sesta
 Que Venus com praferes inflamava
 Melhor he experimentalo que julgalo
 Mas juiguo quem não pode experimentalo

foram igualmente substituidas por outras, onde a nympha se mostra muito mais recatada e austera do que fôra para esperar em sitio onde a mãe do amor temporariamente estabelecêra o ninho : foram pois substituidas estas famosas oitavas pelas seguintes, que se bem podiam dispensar:

Não foge a quem a segue a nympha tanto
 Temida do perigo em que se via,
 Como por ir ouvindo o doce canto,
 As namoradas magoas que dizia,
 Mas por lhe enfraquecer com novo espanto
 O peito ousado, o rosto atras volvia,
 Mostrandolhe no gesto um defengano,
 Que não teme de força humana damno.

«Na clara luz dos olhos radiante
 Na graça com que o bello rosto vira,
 Mil almas cattuara n'hum instante
 Nenhũa lhe escapara nem fugira:
 Porem se a Nympha altiva ao triste amante
 As forças neste passo quebra, & tira,
 Depois lhe mostra enfim por piedade,
 Quanto pôde mais qu'ellas a vontade

Ainda neste canto, oitava LXXVI, os dois versos

«Que mais caro do que as outras dar queria
 O que deu para dar-se a natureza ⁽⁶⁸⁾

foram moderadamente substituídos pelos seguintes:

«Que mais que as outras estimar queria
 O bem que tanto val, quando se presa.

No 7.º verso da primeira oitava do canto 1 também nesta edição se não encontra no principio a conjunção copulativa *E*.

Só na edição seguinte, Lisboa 1609, é que se encontra completamente restaurado o episodio da ilha de Venus,

(68) Estes dois versos escaparam á censura na edição de 1584.

fem que d'esta vez a censura lhe fizeffe córtés ou substituições ridiculas. Acresce que esta edição segue em geral a lição da conhecida por *segunda* de 1572, inclusivè no 7.º verso da 1.ª oitava do canto I. Emquanto ao 6.º verso da oitava XXI do canto IX, adopta a alteração introduzida na edição de 1597.



VIII

Temos por certo que em 1572 não se fez mais do que uma edição dos *Lusíadas*, e também nos quer parecer que o auctor não viu provas. ⁽⁶⁴⁾ O auctor obteve privilegio para a edição, privilegio que tinha vigor por dez annos: é mais que provavel que privilegio e original vendesse ao livreiro, sem mais curar da edição. Camões regressára da India, em precarias circumstancias, depois de 16 annos de ausencia da patria; não encontrou nella protecções, recompensas, nem como soldado nem como homem de letras. O rei, que sonhava com as conquis-

⁽⁶⁴⁾ Além das razões apontadas em a nota 34, feria grande injuria suppor que Camões deixasse escapar erros, que a sua erudição não justificam.

tas, apenas lhe galardoou os ferveços, feitos e a fazer, com uma tença modesta, que não abrigava da miseria ao poeta, e este mal-estar, notado por todos os biographos, havia de fatalmente influir naquelle grande espirito, que longe da patria lhe engrandecêra os feitos com o seu espirito arrojado. A decepção deveria ser grande, quando de volta do oriente, depois de varios dissabores, que aliás lhe não quebrantaram o patriotismo nem a inspiração, na patria se encontrou menos considerado do que a sua phantasia robusta lhe teria feito crêr.

A epocha, além d'isso, era pouco asada para empreendimentos litterarios, pelas causas de mais conhecidas.

Nestas circumstancias, o poema não despertou enthusiasmos, o que não é extraordinario, considerando-se que o auctor regressára depois de larga ausencia á patria, onde não podia ter muitos amigos; e contra elle se levantaram os invejosos, que lhe abocanharam o merito para mais fazer sobresahir o d'elles: a sua individualidade perdia-se pela indifferença de uns, pelos despeitos d'outros, e mais ainda, pelo desconforto a que chegára o phantasiozo cantor, genio alevantado e independente, que se não coadunava pela sua altiva independencia com o cortezanismo da epocha.

Não é pois certo que dos *Lusiadas* se fizesse em 1572 duas edições. Uma d'ellas é uma falsificação, e a *primeira*, e só essa, é que se deve presumir fosse feita pelo manuscrito do auctor, manuscrito seu proprio, visto que as circumstancias monetarias de Camões não presumem a possibilidade da intervenção de um amanuense.

Esta questão é importante, visto encontrarem-se entre as duas edições, ditas de 1572, variantes que não pertencem ao auctor em uma das edições.

Dá-se um caso digno de reparo. Na edição de 1584,

aliás mutilada como se sabe, segue-se em geral as lições da que se tem dito *segunda* edição. Corrêa, contemporâneo do poeta, segue também esta: a de 1597 segue na summa a mesma, a de 1609 igualmente.

Interpõe-se a estas a dita *primeira*, com variantes, que só mais tarde foram em geral seguidas, tendo-se por certo que ao auctor pertencem as alterações que se leem na *segunda*.

Mas as variantes entre as duas edições ditas de 1572 não são tão notáveis que se possam attribuir ao auctor. Camões, se introduzisse modificações no seu poema, não se limitaria a singelas substituições de palavras, e de certo corrigiria erros, que a sua vasta erudição não permite suppor que mantivesse numa edição nova. ⁽⁶⁵⁾ Aquellé grande genio, ou se limitaria a sustentar na integra o seu trabalho, ou, caso o julgasse menos perfeito, não se limitaria a tão pouco; tinha pulso affaz robusto para manejar a lima, intelligencia para ampliar e substituir, e não se restringiria a leves emendas sem grave alcance e de lomenos importancia.

A perfumida *segunda* edição é tida como a mais cor-

(65) Sirva de exemplo na oitava xx do canto II os versos, communs em ambas as edições, ditas de 1572

Cloto co peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.

Segundo a fabula, Cloto, filha de Jupiter e Themis, é uma das tres parcas, a que empunhava a roca onde se tecia o fio da vida. Não se pode admittir que Camões, que tão bem manejava a mythologia. fizesse d'esta divindade sinistra uma nereide, e a metteffe no mar em companhia de Nize, Nerine, e as outras *alvas filhas de Nereo*: é an-

recta e tambem feita sob a vista do auctor: não fô a temos por isso, mas, o que é mais, como a *primeira*, e a unica pelo auctor vista.

As razões em que nos fundâmos, contra a opinião seguida, são obvias: alem de outras mais especiosas, a historia, como se ella pode constituir, das primeiras edições, leva-nos a este convencimento.

Publicou-se a 1.^a edição, com privilegio por dez annos: a edição esgotou-se, ou por ser pequena a tiragem, ou por terem ido exemplares para a India, ⁽⁶⁶⁾ visto o livro tractar de coufas d'ella, ou por outros motivos quaesquer; o periodo do privilegio findára, o auctor era fallecido, o impressor tambem; ⁽⁶⁷⁾ o livro escafeára no mercado. Nestas circumstancias, um impressor mais audacioso do que os seus collegas (não eram muitos, só trez!) emprehendeu a

tes natural que nesta passagem se tivesse lembrado dos versos de Virgilio (*Aeneid.* l. ix, v. 102-103).

..... qualis Nereia Doto.

Et Galetea fecant spumantem pectore pontum.

Na edição de 1584 repete-se a tolice, fazendo o annotador mythologia nova, porquanto em nota a esta passagem diz: «Cloto Nympha marinha, filha de Nereo & Doris» etc.

Corrêa, Faria e Souza, Franco Barreto, etc., repetem *Cloto*. O morgado de Matheus emendou para *Doto*.

⁽⁶⁶⁾ A hypothese do livro poder ser levado á India, como a local a que podia interessar, é prevista no privilegio, datado de 24 de setembro de 1571, no qual se estatue que o livro «se não possa imprimir nem vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fóra, nã leuar aas ditas partes da India pera se vender sem licença do dito Luis de Camões ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer.»

⁽⁶⁷⁾ De Antonio Gonçalves, impressor da edição de 1572, não conhecemos obra alguma posterior a 1576.

reprodução do poema das glórias patrias: mas se o paiz, sob o jugo do estrangeiro, tendia a desnacionalisar-se, a crença augmentava de intensidade; a censura, em nome da fé e dos bons costumes, espatifou o livro.

O poema, assim alterado, não podia satisfazer a curiosidade dos amadores, e na impossibilidade de se obter licença para dar o livro tal qual primitivamente fôra impresso, houve alguém que, escapando-se á censura e pondo de parte escrupulos, reproduziu o poema confoante pela primeira vez se conhecêra. Para evitar reparos, a edição nova retracta a primitiva no rosto e no texto. O impressor não tinha a portada que fervira á primeira edição e fez outra, que ficou invertida por impericia do gravador. Se o impressor fosse o mesmo, servir-se-hia da mesma portada, dos mesmos typos, e a contrafacção seria completa. Mas não foi. As variantes de palavras, o maior numero de erros de impressão, provam que o livro foi trabalhado á pressa, como era natural o fosse, visto ser feito a occultas.

A falsificação fez-se, e não houve quem se dêsse á canceira do confronto por se não suspeitar da fraude. Os interessados, sob o ponto de vista commercial, o auctor e o impressor, não existiam já: á censura não chegou noticia da restauração do texto condemnado, e as duas edições, parecidas entre si, foram acceites como uma unica. Só mais tarde, e depois da publicação dos seus *Commentarios* ao poema, é que Faria e Souza attentou na existencia das duas edições semelhantes, e se julgou *primeira* uma d'ellas, unicamente por ser mais incorrecta. Pareceu bem o alvitre, e acceitaram-se as datas irmãs como authenticas e prova inconcussa do grande acolhimento que tivera o livro, sem se curar da impossibilidade da publicação simultanea.

Mas a falsificação fez-se, e não tinha razão de ser se fosse feita no periodo abrangido pelo privilegio, e justifica-

fe pela conveniencia, não só litteraria, mas commercial, de restaurar o texto, corrompido na edição de 1584. Quando? pelas razões adiante ponderadas julgâmos poder fixar o restabelecimento do texto primitivo em 1585. Deve portanto ser essa a data da 3.^a edição dos *Lusadas*.

Examinando os productos da imprensa portugueza durante o seculo XVI pôde-se tambem determinar qual seja a 1.^a edição.

Em 1551 fahiú das officinas de Germão Galharde, um dos mais activos e laboriosos impressores do seu tempo, ⁽⁶⁸⁾ o *Summario de Lisboa*, de Christovão d'Oliveira, livro em 4.^o O rosto é mettido em uma portada de madeira, que se tornou celebre. Compõe-se a portada de um plintho com seus adornos; de duas columnas, com canceluras na metade inferior, cahindo da esquerda para a direita do leitor, e a meio d'ellas dois capacetes sobrepujados com uns festões que não chegam a poufear na gola dos capiteis; pela parte de traz dos capacetes, em guisa de tro-

⁽⁶⁸⁾ Germão Galharde teve prelos em Lisboa desde 1519; em 1530 veio a Coimbra montar a imprensa dos conegos regrantes de S. Agostinho, regressando a Lisboa em 1531. Falleceu em 1560.

De 1519 vimos por elle impresso o *Tratado da pratica Darifmetica ordenada por Gaspar nycolas*. O anno da sua morte determinase á face do *Reportorio dos tempos em lingoagem portuguez*. No rosto diz—*Foy impresso em Lisboa em casa de Germão Galharde. Anno 1560*. No fexo do livro, porém, lê-se: *Acabouse o Reportorio dos tempos... o qual foy impresso em a muy noble cidade de Lixboa em casa de viuua, mulher que foi de Germão Galharde q' santa gloria aja. Anno 1560*. Galharde foi de nação francez, conforme elle mesmo o declara nas rubricas de muitas das suas edições—*Germã Galharde frâcez*, diz elle na *Pratica Darifmetica*.

D'este laborioso impressor, que exerceu a sua profissão entre nós durante o largo periodo de 41 annos, conhecemos mais de setenta edições.

pheus, umas alabardas cruzadas; no entablamento vê-se um pelicano, com o colo voltado á esquerda do leitor, entre dois golfinhos de phantasia. Do livro, que hoje é raro, existe um exemplar na bibliotheca nacional.

Em 1554 o mesmo impressor imprimiu o *Tratado de la vida loores y excelencias del glorioso apostol... san Ioan*, de Diogo d'Estella; serve a enquadrar o rosto a mesma portada.

A gravura, com o trabalho da impressão, soffreu alguma cousa, principalmente as partes destacadas do cheio da peça, onde a compressão era mais violenta; as hastes e cotos das alabardas, por muito isoladas dos troncos das columnas, foram mais ou menos esmagados, e o impressor, para aproveitar a cercadura, cortou as alabardas que com os capacetes formavam tropheus, conhecendo-se-lhe ainda um pedacinho das hastes. Foi assim que a portada tornou a servir, em 1554, no livro impresso tambem por Germão Galharde *Primera parte de las Sentencias que... estan por diuerfos Autores escritas.* (69)

A mesma portada, já sem as lanças, serviu ainda na edição da *Doctrina d'principios e fundametos d'christãda-de* (70) do bispo do Algarve D. João de Mello. A *Doctri-*

(69) Das *Sentencias* ha ainda outra edição, impressa em Coimbra por João Alvares em 1556. Um exemplar que ha na Bibliotheca do Porto carece de pag. 209 a 224, e em nota ms. diz o dono do livro, quem quer que fosse, que em cinco ou seis exemplares que vira em todos havia a mesma falta. A parte subtrahida comprehende ditos de Ovidio, que por livres foram cortados na revisão do S. Officio. Vimos alguns exemplares da edição de Galharde, que tambem não estão completos, faltando-lhe as sentenças de Ovidio, e riscadas as de Erasmo.

(70) Innocencio, no *Dicc. Bibliogr.*, seguindo o auctor da *Biblioth. Lusit.*, menciona ainda outra edição da *Doctrina*, impressa em Evora, em 1566; mas d'ella não vimos ainda exemplar algum.

na não tem data, mas foi impressa depois de 1554 e antes de 1564, porquanto neste anno era já D. João de Mello arcebispo de Evora, pela renuncia nelle feita pelo cardeal D. Henrique, e do qual fôra antecedentemente coadjutor. ⁽⁷¹⁾

Germão Galharde morreu em 1560 ⁽⁷²⁾ e a viuva continuou com a imprensa até 1563; d'ahi em diante não conhecemos edição alguma da casa Galharde. Os prelos, os typos, as vinhetas, passaram naturalmente a outros possuidores.

Antonio Gonçalves estabeleceu prelos em Lisboa em 1568, tendo adquirido typos e utenfilios que anteriormente haviam sido de Galharde, e imprimiu em 1572 a primeira edição dos *Lusiadas*, fervendo-se no rosto do livro da mesma portada que servira ao *Summario, á Vida de S. Juan*, e depois de aparada, ás *Sentencias*, e á *Doctrina de principios*. Além d'esta portada, tambem ainda Gonçalves possuiu outra, que anteriormente fôra de Galharde: é a que aquelle empregou na edição do *Reportorio dos Tempos*, de 1570, e servira noutra edição anterior do mesmo *Reportorio*, impressa em casa de viuva Galharde em 1563. Os typos italicos que nos *Lusiadas* empregou Antonio Gonçalves são os mesmos de que em 1568 se servira na impressão de uns poemas de Cadaval Gravio, a *Pythographia* e a *Brachyologia*; e são identicos a outros de que usára Galharde, porém mais cançados. Como já dissemos, os productos da officina de Antonio Gonçalves são imperfeitos, velhos os typos, ordinaria a impressão: affim, como

⁽⁷¹⁾ *Evora gloriosa*, pag. 301.

⁽⁷²⁾ Vej. nota 68.

adquiriu as portadas de madeira, portadas já conhecidas, cançadas já, é natural que também adquirisse os typos.

Seja como for, do que não pôde restar duvida, é que a edição dos *Lusíadas*, authentica, impressa em 1572, por Antonio Gonçalves, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o colo voltado á esquerda do leitor. Nem mesmo Antonio Gonçalves, que se servia de typo usado nas suas edições, e tinha portadas feitas porém já servidas, gastaria cabedal em mandar gravar portadas novas, e além d'isso imitativas de outras de sobejo tão conhecidas.

A outra edição, mais incorrecta, é uma falsificação, feita por outro impressor: se fosse obra de Antonio Gonçalves, servir-se-hia dos mesmos typos, que não tinha elle tanta variedade d'elles, e da mesma portada.

Ha ainda a notar que a orthographia das duas edições não é identica; isto prova que as edições sahiram de prelos differentes, visto não ser plausivel admittir que um impressor, no mesmo anno, tivesse duas fórmulas de *orthographar* a mesma obra, e além d'isso se esquecesse de dizer que a 2.^a era uma nova edição, que a podia fazer, visto para isso ter privilegio por 10 annos.

Além d'isso, a existencia de uma só edição dos *Lusíadas*, em 1572, coincide com o pouco movimento litterario da epocha, auctorisa-se com os acontecimentos desastrosos que nesse anno se deram, nos proximatez anteriores, e nos seguintes, e ainda mais, com a indifferença que os contemporaneos votaram ao auctor do poema.

A falsificação fez-se em momento opportuno. A edição de 1584 tornára o poema desconhecido quasi, taes e tantos haviam sido os córtes e as modificações; então sim, é que o livro, que podia ter já uma acceitação relativa, reclamava nova edição, como que um protesto ás injurias que a censura lhe fizera.

*

A edição appareceu, feita a occultas, imitativa, fimi-lhante no typo e no rosto, mas em epocha proxima da da edição adulterada, para poder concorrer com ella, emba-raçar-lhe a venda, admittindo mesmo que no mercado a edição subrepticia fosse vendida occultamente e pequena a tiragem d'ella, o que até certo ponto justifica o diminuto numero de exemplares que da mesma apparecem hoje. A data d'esta edição pode-se suppor de 1585, porquanto em 1586 appareceu a *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, 2.^a edição.

O rosto d'esta *Copilaçam*, e do livro 2.^o e 4.^o, que tam-bem são especiaes, estão mettidos dentro da portada de madeira, cópia da que servira ás *Sentencias*, e aos *Lufiadas*, impressos por Antonio Gonçalves, mas o pelicano tem o colo voltado á direita do leitor. Esta mesma portada fer-ve na edição dos *Lufiadas*, que se tem dito 1.^a edi-ção. (73)

Ora o impressor da *Compilaçam* decerto não ia copiar uma portada velha para empregar a cópia nas obras de Gil Vicente. Se fez a falsificação foi para utilisal-a, imprimindo uma edição dos *Lufiadas*, semelhante á primeira, o que aliás não podia fazer ostensivamente, com rosto novo, porque lh'o não permitiria a censura e é prova d'isso a edição de 1584.

Feita a gravura, e utilisada na edição dos *Lufiadas*, empregou-a depois nas obras de Gil Vicente. Este impres-sor foi André Lobato, que teve prelos em Lisboa de 1583 a 1587.

Notaremos que a portada, na edição da *Compilaçam*,

(73) No *Archivo pittoresco*, vol. iv pag. 173, e em uma gravura *fac-simile* d'esta edição, a gravura não está exacta.

está em dois livros mal disposta : no rosto do primeiro livro tem o pedestal e columnas invertidas, e no segundo, o pedestal. Só no livro quarto é que a portada está exactamente como na edição dos *Lusiadas*, sem discrepancia alguma.

A *Compilaçam* é muito incorrecta, até em a numeração das folhas. Esta imperfeição do impressor está paralella com a do que fez a edição dos *Lusiadas*, conhecida por mais irregular.

Dá-se ainda outra circumstancia. André Lobato imprimiu obras por conta de Affonso Lopes; em 1587 a *Compilaçam* das obras de Gil Vicente, em 1588 os *Autos e Comedias feitas por Antonio Prestes e por Luiz de Camões e outros*; Affonso Lopes, apesar de moço da capella d'el-rei, e que editava livros, era de certo livreiro, como outros individuos do mesmo appellido; (74) seria feita por conta d'elle esta edição dos *Lusiadas*, em concorrência com a de 1584, de Manoel de Lyra? A edição de 1597 foi feita á custa de Estevão Lopez «mercador de livros.»

Seja como fôr, o que temos por certo é que a edição dos *Lusiadas*, a que tem o pelicano com o colo voltado á direita, é posterior á edição de 1584, e anterior á da *Compilaçam*, de Gil Vicente, de 1586, e portanto a terceira do immortal poema, sendo a primeira a que tem na portada

(74) De 1587 a 1589 houve um impressor em Lisboa, de nome Affonso Lopes, o qual em 1587 imprimiu o *Libro septimo do Amadis*. Em 1587 deixou André Lobato de ter officina, e neste anno apparece Affonso Lopes como impressor: será o mesmo moço da capella de el-rei, editor de livros? as datas permitem admittir a hypothese.

Livreiros do mesmo appellido houve por esse tempo, além de Estevam Lopes, editor das *Rimas* de Camões (1595-1598), os seguintes — João Lopes, 1588, e Simão Lopes, 1586-1598; este ultimo teve prelos desde 1593.

do rosto o pelicano com o colo voltado á esquerda do leitor.

Posto isto, justifica-se a instinctiva preferencia que se tem dado ao texto da edição tida por mais correctã, que é a que tem no rosto o pelicano com o colo voltado á esquerda do leitor; e é perfeitamente acceptavel a authenticidade da nota do exemplar d'esta edição, que se diz ter pertencido ao poeta, ⁽⁷⁵⁾ exemplar que existiu, mas que não conseguimos averiguar onde hoje exista. ⁽⁷⁶⁾

Determinada pois qual fosse a 1.^a edição dos *Lusiadas*, e regeitada a hypothese da existencia de uma 2.^a edição feita ainda em vida do poeta, fica assente que Camões foi estranho ás variantes que se encontram na que tem sido chamada *primeira* edição, considerada como mais incorrectã, devendo-se acceptar como genuino o texto da edição chamada *segunda* (a que tem o pelicano voltado á esquerda) e deve ser conforme ao manuscrito do auctor, salvo os lapsos de imprensa, vulgares nas edições d'aquelle tempo.

Conclue-se portanto :

1 Que a primeira edição dos *Lusiadas*, impressa em vida do poeta, e, como é de crer, segundo o original do au-

⁽⁷⁵⁾ Vej. pag. 38 nota 33.

⁽⁷⁶⁾ Temos presente uma carta do Rio de Janeiro, na qual se diz com referencia ao exemplar levado para aquelle imperio por fr. João de S. Boaventvra : «No acto de procurar a obra (na bibliotheca) disse-me um empregado que devia estar na mão do imperador, e recorrendo por intermedio d'um amigo á sua Bibliotheca, quarto particular e casa forte, onde tem os livros raros, nada se encontrou. Mostrando-fe-lhe a pretensão, respondeu que devia estar em poder d'elle a obra e que tractassem de a procurar. Nesta resposta não mostrou má vontade e fe na sua mão não foi encontrada a obra, é devido a desvio ou a falta de memoria.» Conclusão—o exemplar extraviou-se.

ctor, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o colo voltado á esquerda do leitor.

II Que a edição de 1584, mutilada no texto, é a segunda.

III Que posteriormente a esta ultima edição, e antes de 1586, se fez outra, subrepticamente, fímilhante no todo á primeira, com a mesma data, o mesmo nome de impressor, mas com algumas variantes e diversa orthographia.

ERRATA

Na pag. 40 linh. 26, onde se lê :—na edição dita segunda—leia-se
—na edição dita *primeira*.





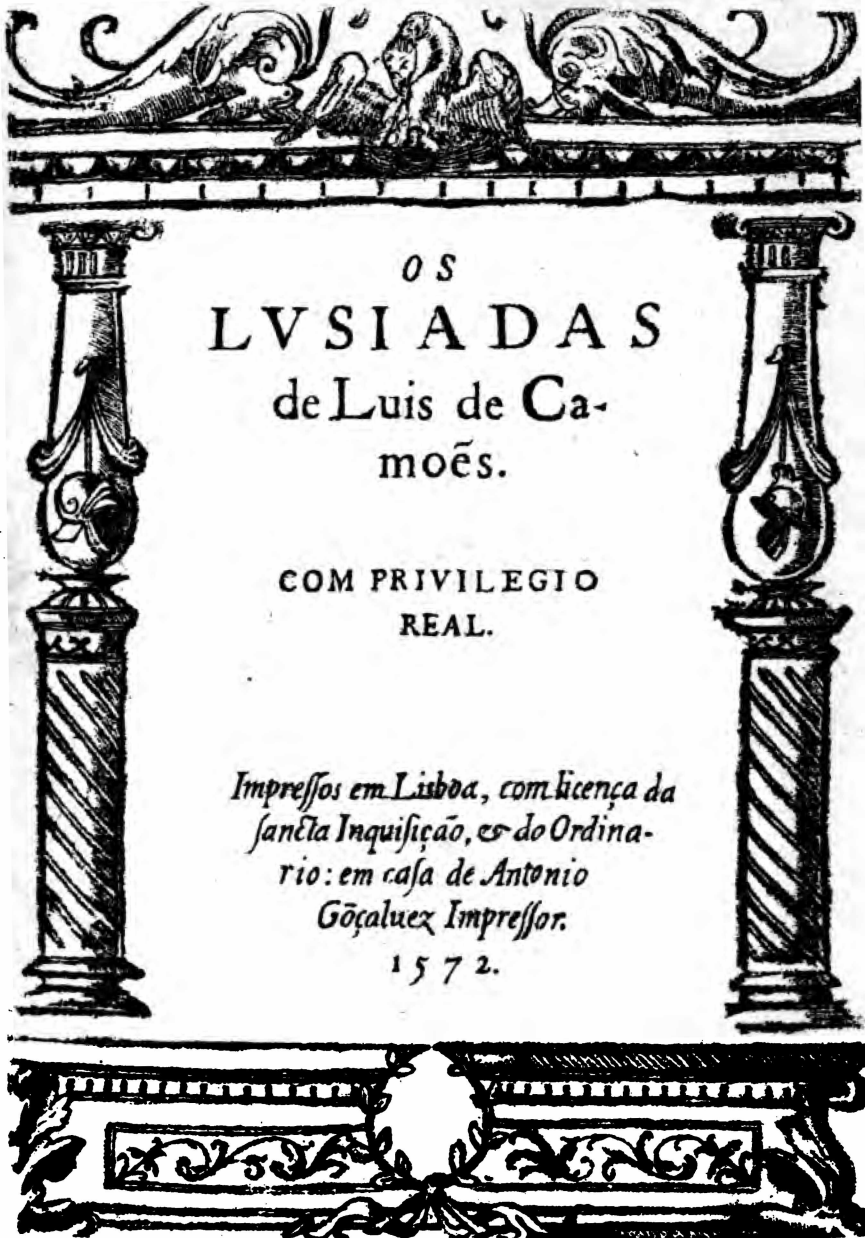
Tratado de la

vida loores y excelencias del glorioso apostol y bienaventurado euangelista san Iuan, el mas amado y querido discipulo de Christo nuestro saluador : cõpuesto por el . P . F . Diego de Estella, de la orden de los frailes menores : dirigido a la muy alta y muy poderosa reyna de Portugal, y por mãado de su alteza agora nueuamete impresso.

Con Real priuilegio y visto por la sancta inquisicion.

Nota q̄ el autor mas da en este libro de lo que promete: porque a bueltas de los loores de San Iuan, van entretexidas algunas materias morales: de manera q̄ no solo a los deuotos de san Iuan es aplazible, pero aun a todos los fieles Christianos vtil y prouechofo.



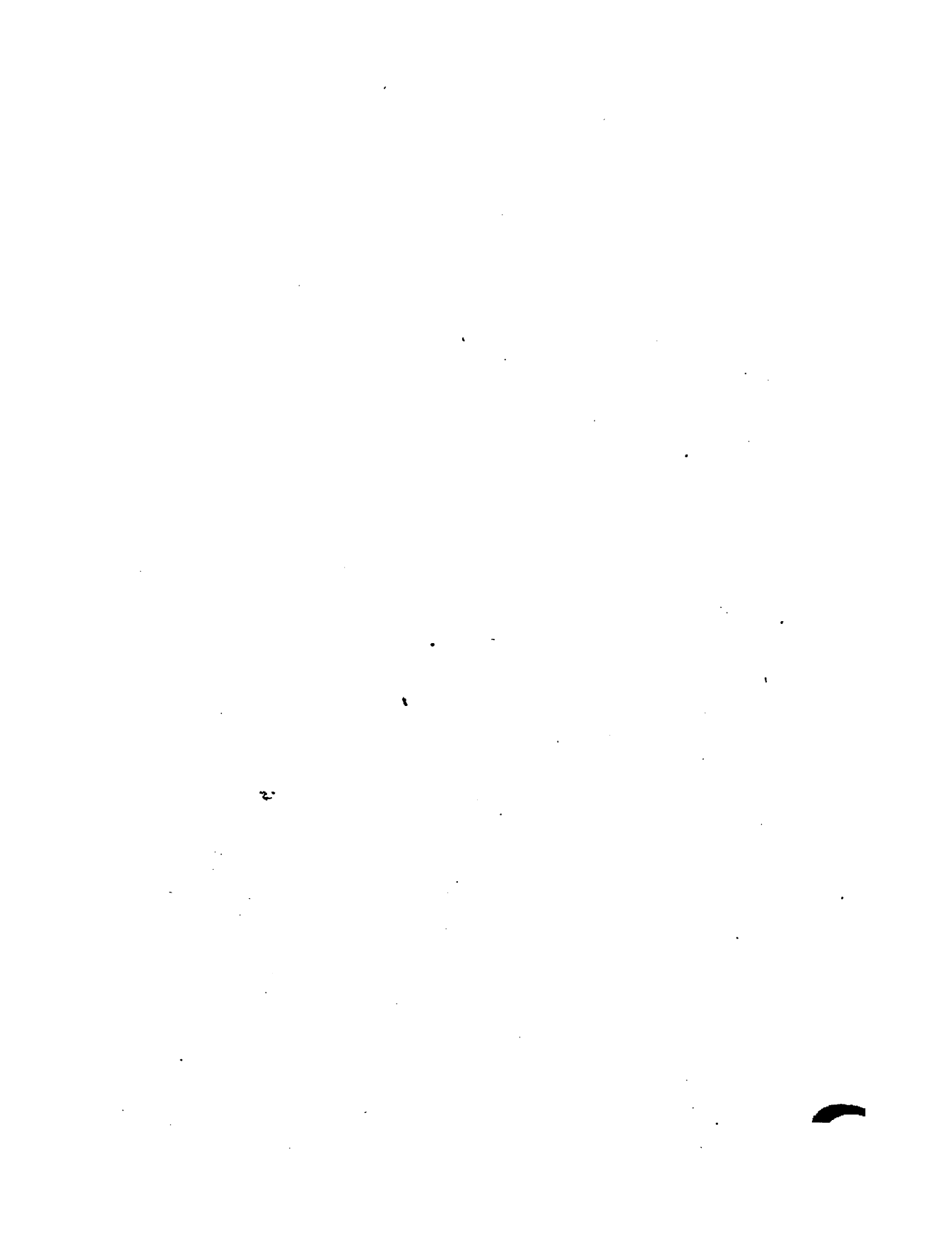


OS
LUSÍADAS
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
sancta Inquisição, e do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gõçalvex Impressor.*

1572.





OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
sancta Inquisição, e do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gõçalvez Impressor.*

1572.

